

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM  
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO – LABJOR

**OLIVIA FERREIRA DO COUTO**

**Sociedade do tagarelar:**  
as vozes (mudas) da divulgação científica no twitter

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem e ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo Científico, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Mestre em Divulgação Científica e Cultural na área de concentração de Divulgação Científica e Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Pereira Dias

**Campinas**  
**2012**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR  
CRISLENE QUEIROZ CUSTODIO – CRB8/8624 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE  
ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

C837s      Couto, Olivia Ferreira do, 1987-  
              Sociedade do tagarelar : as vozes (mudas) da  
              divulgação científica no twitter / Olivia Ferreira do Couto. –  
              Campinas, SP : [s.n.], 2012.

              Orientador : Cristiane Pereira Dias.  
              Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de  
              Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

              1. Análise do discurso. 2. Divulgação científica. 3.  
              Twitter. 4. Internet. I. Dias, Cristiane Pereira. II.  
              Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos  
              da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em inglês:** Society chatter : the voices (seedlings) of scientific twitter.

**Palavras-chave em inglês:**

Discourse analysis  
Scientific divulgation  
Twitter  
Internet

**Area de concentração:** Divulgação Científica e Cultural.

**Titulação:** Mestra em Divulgação Científica e Cultural.

**Banca examinadora:**

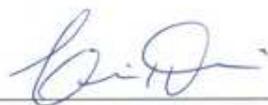
Cristiane Pereira Dias [Orientador]  
Fernanda Correa Silveira Galli  
Mônica Graciela Zoppi Fontana

**Data da defesa:** 06-09-2012.

**Programa de Pós-Graduação:** Divulgação Científica e Cultural.

BANCA EXAMINADORA:

Cristiane Pereira Dias



Fernanda Correa Silveira Galli



Mônica Graciela Zoppi-Fontana



Lucilia Maria Sousa Romão

Ana Silvia Couto de Abreu

IEL/UNICAMP  
2012

*Dedico ao meu amor Guilherme Borges.*

## AGRADECIMENTOS

É engraçado como somos seres tão dependentes..

Nada mais justo do que ajoelhar, curva-se diante do meu semelhante, da minha necessidade do outro, e agradecer a cada um que desde a limpeza da sala de aula, as orientações científicas, os conselhos maternos, as orações, o preparo da documentação até o auxílio financeiro permitiram a realização deste trabalho.



**Olivia F. Couto** @OliviaCouto  
À Fapesp  
Expandir

Por acreditar na seriedade da minha pesquisa, proporcionando o financiamento necessário para que ela fosse realizada, minha sincera gratidão e respeito a essa Instituição.



**Olivia F. Couto** @OliviaCouto  
Aos meus familiares  
Expandir

Muito obrigada não é suficiente para agradecer o apoio incondicional, as orações. Minhas vitórias não passam de um reflexo da luta, esforço e a inenarrável dedicação de cada um de vocês nos papéis de mãe, mulher, professora; de pai, mestre e conselheiro; de irmãs, amigas e confidentes; de sobrinha, amável e carinhosa; de tias, preocupadas e presentes! Muito Obrigada por me escolherem como parte dessa família abençoada!



**Olivia F. Couto** @OliviaCouto  
Profa. Dra. Cristiane Dias  
Expandir

E o que dizer à esta orientadora formidável? Pela sua humanidade, pela imensa contribuição que proporcionou em minha pesquisa, pelos escritos e reflexões que estão muito além do que possamos compreender, por compartilhar sua genialidade com o mundo, te agradeço infinitamente!



**Olivia F. Couto** @OliviaCouto

Gui

Expandir

Vida, agradeço por me dar asas a cada manhã e permitir meu pouso seguro em cada anoitecer! Reinventando nosso amor a cada dia e solidificando nossos laços eternos! ;



**Olivia F. Couto** @OliviaCouto

agora

À Unicamp e ao Labjor pela oportunidade, à Alessandra, por sempre me atender com carinho e ao grupo da Susana

Expandir

que me inspirou muito com suas ideias inovadoras. Meu muito Obrigada!



**Olivia F. Couto** @OliviaCouto

Às professoras doutoras

Expandir

Eni Orlandi, Lucília Romão, Fernanda Galli, Mônica Zoppi, que me proporcionaram a honra de ouvi-las e ter uma banca tão especial! Muito Obrigada, muito obrigada mesmo!!



**Olivia F. Couto** @OliviaCouto

agora

Recebam meu abraço carinhoso carregado de energias positivas, que nosso mestre Jesus possa envolvê-los em uma onda de amor e paz =)

## Estilhaços da Inquietude

Desprovido de verdades, lógica e realidade, como se fosse possível se libertar de cada afasia, de cada captura. Estilhaços da inquietude "são de ervas colhidas nos recantos das ruínas dos sonhos, papoilas negras achadas ao pé das sepulturas dos propósitos, folhas de árvores obscenas que agitam os ramos nas margens ouvidas dos rios infernais da alma." Um lugar para dividir momentos insanos, sintaxes inventadas, escritas plagiadas, compartilho minhas gotas de inutilidade. "Começo porque não tenho força para pensar; acabo porque não tenho alma para suspender. Esses escritos são minha covardia" Fernando Pessoa (adaptado)

**Resumo:** Compreender o modo de enunciação da subjetividade no espaço digital é um caminho para entender a maneira como a sociedade se configura atualmente, pretendemos explorar nosso corpus impelidos por inquietações que nos são recorrentes. Nesse sentido, elegemos o Twitter como um território a ser descoberto, um fervilhar de sentidos, um caminhar por entre corpos, palavras, gestos, textualizações em 140 caracteres que nos deslocam para outro lugar de produção das “coisas a saber”, da própria informação. Uma ambiência que transborda/esvazia, que se tece nesse jogo da contradição e nos remete a questionamentos outros por/entre as bordas da linguagem. O que muda na constituição do sujeito na twittosfera? Que deslizamentos são possíveis nesse tempo real? De que modo essas twittadas repercutem na sociedade/no espaço da internet? Que língua é essa em 140 caracteres? O que pode a divulgação científica nesse espaço? Não pretendemos buscar respostas a tais questionamentos, o que ambicionamos é esgaçar os limites discursivos do ciberespaço, as fronteiras que se resvalam da/na constituição do sujeito à/na configuração do Twitter, pensando no atravessamento do político, no constante movimento de incompletude da linguagem, no modo como se dá a organização social dentro e fora do site. Há marcas no site que nos permitem pensar no alhures, o invisível, o irrealizado, o impossível, possibilidade de passagem de um mundo para outro? Onde está a fronteira, o limite? Ser sujeito é estar sujeito ao significante na história... E é aí que nos interessa o deslocamento, que está naquilo que não sabemos para aonde vai....

**Palavras-Chave:** twitter, constituição do sujeito, redes sociais e análise do discurso.

**Abstract:** Understand the mode of enunciation of subjectivity in the digital space is a way to understand the way society is set up now, we want to explore our corpus driven by concerns that are recurrent us. In this sense, we elect Twitter as a territory to be discovered, a swarm of meanings, a walk among bodies, words, gestures, in 140 characters we move to another place of production of the "things to know" the information itself . An ambience that overflows / empties, which is woven in this game and the contradiction leads us to other questions by / between the borders of language. What changes in the constitution of the subject in twittosfera? That slips are possible in real time? In what respect such tweets reverberate in society / the internet in space? What language is this in 140 characters? What can the scientific disclosure in this space? We do not intend to seek answers to these questions, what we aspire is to break the boundaries of cyberspace discursive, the boundaries that slip of / in the constitution of the subject / in configuring the Twitter, thinking about crossing of the politician, the constant movement of incompleteness of language , in the way it gives the social organization within and outside the site. There are marks on the site that allow us to think of elsewhere, the invisible, the unfulfilled, the impossible, possibility for transfer from one world to another? Where is the border, the boundary? Being subject is subject to be signifier in the history ... And that's where we are interested in the movement, which is what we do not know where it goes ....

**Keywords:** twitter, subject constitution, social networks and discourse analysis.

## SUMÁRIO

|                                                        |    |
|--------------------------------------------------------|----|
| 1. Introdução                                          | 02 |
| 2. O Nó                                                | 05 |
| 2.1 Contradição em questão: o roubo da lua             | 07 |
| 2.2 Bônus Teórico                                      | 11 |
| 3. Interfaces                                          | 15 |
| 3.1 Bem-vindo à Twittosfera: o mundo em 140 caracteres | 16 |
| 3.2 O modo de enunciação de si pelo olhar da ciência   | 25 |
| 3.3 Formas e efeitos de poder na rede                  | 38 |
| 4. Malha Digital                                       | 42 |
| 4.1 Carne e Metal: a plasticidade do corpo             | 44 |
| 4.2 Cem anos de atualização: a memória de silício      | 54 |
| Considerações Finais                                   | 62 |
| Referências Bibliográficas                             | 63 |

## INTRODUÇÃO

As próximas páginas serão divididas por três livrinhos, O Nó, Malha Digital e Interfaces, que apesar da numeração sequencial colocada apenas por exigência da Instituição, não possui uma ordem de leitura, podendo ser lido de diversas formas. Vale destacar, que parte de nossos escritos estão disponíveis em um site, podendo o leitor copiar, colar, deletar, piratear e/ou sugerir mudanças para o texto <http://www.wix.com/oliviafcouto/escrita-as-avessas#!>

O modo de confecção da dissertação objetiva convocar outras formas de escrita, tensionando questões importantes do modo como a divulgação científica e cultural vem sendo difundida na atualidade nas mídias sociais, como fissurar inquietudes de sintaxe embaralhada na escrita dessa pesquisa toma a forma do fragmentário, que segundo Eni Orlandi, é um “flagrante do sentido” (Orlandi, 2004).

Nosso objetivo é fazer com que a escrita científica do texto circule não só por outros lugares de produção, mas também se constitua por “encontros improváveis” entre ciência, divulgação científica, arte, literatura, linguística, filosofia, e se signifique na própria materialidade da leitura, em seu modo significativo pelo qual o sentido se formula. (Lagazzi, 2010) Demonstrando o próprio formato da dissertação como um outro modo de divulgar a ciência, uma busca de apresentar a divulgação científica por diferentes gestos de leitura.

Para compreender esse momento em que o sentido faz sentido, recorremos a Orlandi (2010) que demonstra o modo pelo qual o sentido se formula em diversos processos imbricados no discurso:

Há dizeres já ditos e esquecidos que nos habitam e que fazem com que ao ouvirmos uma palavra, uma proposição ela apareça, como fazendo um sentido para nós. Onde está esse sentido? Nas palavras? Em nós? Na nossa história? Na história em que as palavras vão se constituindo com seus sentidos? Essa memória, a discursiva, é constituída pelo esquecimento: esquecemos quando e como os sentidos se constituíram em nós e eles aparecem como estando sempre já lá. (ORLANDI, 2010: p.11)

Nesse ínterim, nosso intuito é, também, textualizar a temporalidade, o hipertexto, os “hyperlinks”, o fragmentário, pensando a escrita como tecnologia, conforme já explicita Sylvain Aurox (2001) e, mais especificamente, como tecnologia de linguagem, como nomeia Eni Orlandi (2001), pretendemos mostrar que a linguagem vista como tecnologia constitui seus sentidos

não só a partir da tecnologia digital, mas também da escrita, dando corpo a linguagem através das diferentes textualidades.

De acordo com Auroux (2001, p.11e12):

Todo conhecimento é uma realidade histórica, sendo que seu modo de existência real não é a temporalidade ideal da ordem lógica do desfraldamento do verdadeiro, mas a temporalidade ramificada da constituição cotidiana do saber [...] O saber (as instâncias que o fazem trabalhar) não destrói seu passado como se crê erroneamente com frequência; ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza, do mesmo modo que antecipa seu futuro sonhado-o enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber.

Nesse sentido, buscamos estudar autores que nos auxiliassem não só na reflexão do nosso corpus, mas também na compreensão de um movimento para além, que se configura no deslizamento entre a repetição e a diferença, e se relaciona com o conceito de temporalidade ramificada descrito por Auroux (2001) na citação acima. A temporalidade ramificada pode ser compreendida como a circulação do mesmo que revisita o passado e se recria ao se atualizar, aquilo que pode vir a ser outro na movência parafrástica. O que para análise do discurso se dá no processo de paráfrase e polissemia.

Esse processo pode ser entendido como “retorno aos mesmos espaços do dizer”, há uma memória que se instaura e se estilhaça em outros ditos possíveis. E esse movimento de desdobramento, no qual a linguagem se descola do mesmo, ocorre no batimento entre paráfrase e polissemia, “dois eixos que constituem o movimento da significação”. (Orlandi,2005, p.36).

Segundo Pêcheux (1988, p.300):

[...] “o sentido” é produzido no “non-sens” pelo deslizamento sem origem do significante, de onde a instauração do primado da metáfora sobre o sentido, mas é indispensável acrescentar imediatamente que *esse deslizamento não desaparece sem deixar traços no sujeito-ego da “forma-sujeito” ideológica, identificada com a evidência de um sentido. Aprender até seu limite máximo a interpelação como ritual supõe reconhecer que não há ritual sem falhas; enfraquecimento e brechas, “uma palavra por*

outra” é a definição da metáfora, mas é também o ponto em que esse ritual se estilhaça no lapso.

A partir dessas reflexões, nos parece fundamental pensar a questão da metáfora quando se pensa a questão da ciência. Daí considerarmos a tecnologia da escrita ao analisarmos as implicações das diferentes formas materiais escritas, em diferentes momentos históricos, na produção do sentido, já que se faz ciência, em geral, pensando na evidência do sentido. Na perspectiva discursiva, “qualquer modificação na materialidade do texto corresponde a diferentes gestos de interpretação, compromisso com diferentes posições do sujeito, com diferentes formações discursivas, distintos recortes de memória, distintas relações com a exterioridade”. (Orlandi,2007, p.15)

Entender os sentidos que circulam no ciberespaço pensando nas novas configurações de laços sociais e na constituição do sujeito, no entremeio da cidade, do virtual e do atual, significa pensar nos processos de individualização(Orlandi,2001) desse sujeito e na maneira com que o processo de identificação determina sua posição discursiva.

Na reflexão de Orlandi (2001), o processo de individualização seria a gestão pelo Estado da forma-sujeito histórica capitalista. O modo como a autora formula a questão da subjetividade, tirando-a da “impressão idealista” do sujeito como origem de si, na obra “Discurso e Texto” é, também, decisivo no desenvolvimento de nossas reflexões.

Compreender a dança discursiva da linguagem, que a cada novo passo se entrelaça na contradição, parece ser o busílis de nossa pesquisa. E é nesse bailar que pretensiosamente buscamos (sem obter muito sucesso) experienciar uma outra sintaxe.... O que pode a sintaxe embaralhada??? Epistaxe? é talvez o inatingível, ambicionar a “epistaxe da significação” é buscar o sangrar das palavras, dilatando aquilo que as torna viva, auscultando seu sentido pulsar.

De qualquer modo, não rogamos pela compreensão.... queremos produzir gestos de leitura que cause INTOLERÂNCIA, provoque e convoque o INDIGESTO. Depois de brincar de amarelinha com Júlio Cortázar, cirandar com Pêcheux, aprender o pique e esconde da Divulgação Científica e Cultural decidimos convidar os leitores ao desafio de pular com um pé só, de perder o "equilíbrio do sentido" e por que não, degustar o ESTRANHAMENTO.

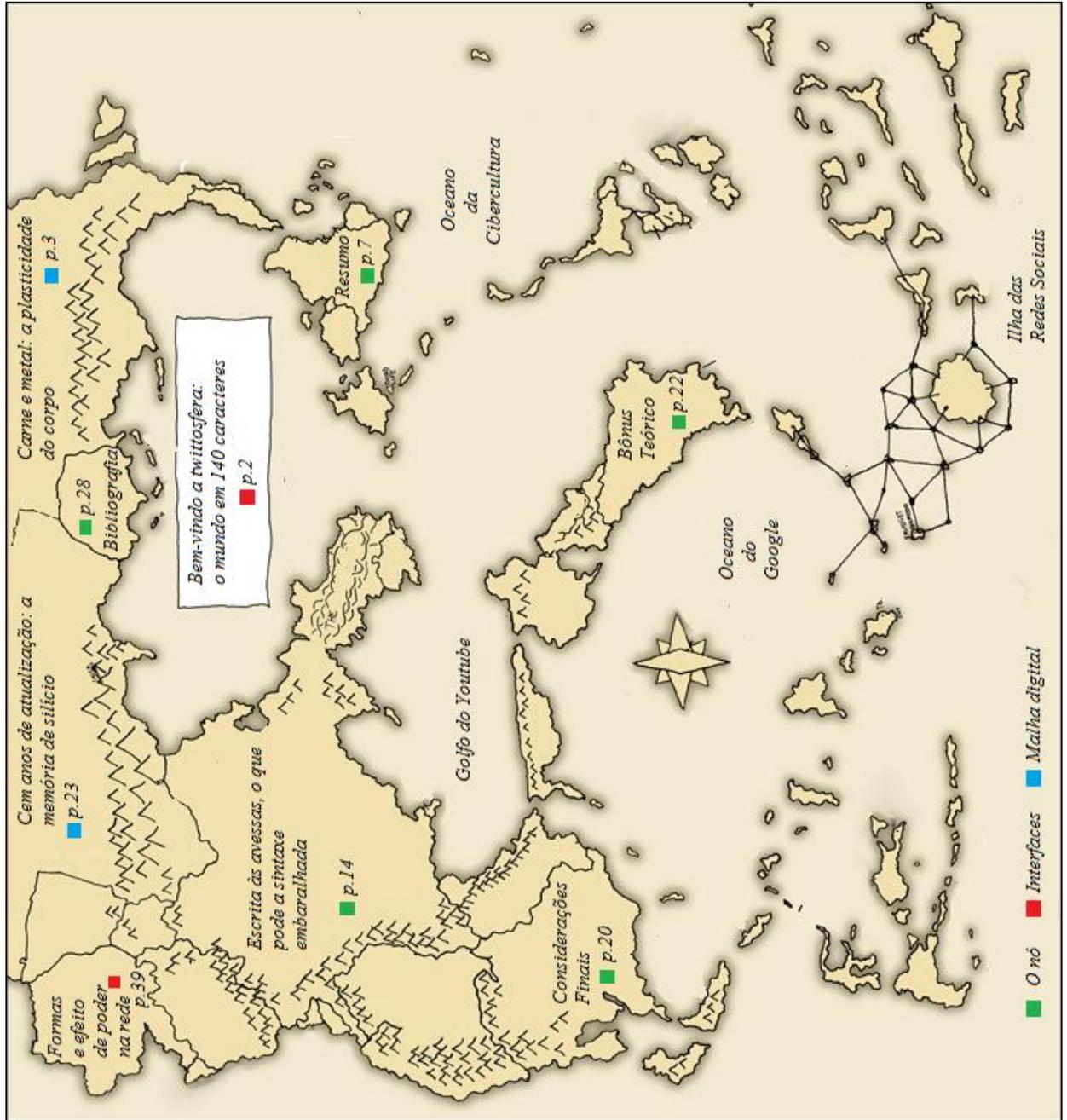
# O nó



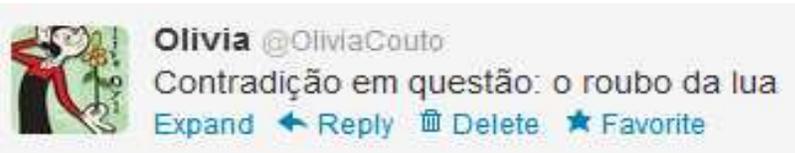
Olivia F. Couto @OliviaCouto

Sumário

Expandir ← Responder Excluir ★ Favorito



\* Sumário baseado na charge: Mapa das comunidades virtuais, autor desconhecido, retirado do site : [http://imgs.xkcd.com/comics/online\\_communities\\_small.png](http://imgs.xkcd.com/comics/online_communities_small.png)



Romper com as ideias tradicionais da corrente racionalista, criando um movimento da arte surreal, “libertando-se” da existência lógica da razão parece ser um dos intuitos de Remédios Varo, uma artista que mistura arte à fórmulas matemáticas, a conceitos de astrofísica, colocando em evidência complexas reflexões a respeito do universo científico.

Atravessada pelos conceitos da corrente surrealista, a autora nos desafia a pensar como a ciência se representa fora do racionalismo. Ao observar os quadros de Remédios Varo buscamos compreender que efeitos produz o olhar na “contramão” da lógica.



Fenômeno da Ingravidade, 1963.

A pintora espanhola ficou conhecida após uma de suas obras “Fenômenos de Ingravidade” compor um livro de física, um manual de relatividade editado pela *New York Academy of Sciences*.<sup>1</sup>

O Fenômeno da Ingravidade é uma alusão a Teoria da Relatividade, a palavra ingravidade, um neologismo criado pela artista, nos remete a ausência da gravidade demonstrando o afetamento entre arte/ciência, não se trata de uma ilustração a teoria, significa para além dos registros históricos e nos faz repensar o modo como essa teoria afeta os processos de historicização do conhecimento científico, por instantes a pintura captura, e nos convida a hibernar nesse universo “su-real”.

O movimento do surrealismo ficou conhecido após o Manifesto Surrealista de André Breton, no qual o autor questionava a crença no real<sup>2</sup>, a lógica acima de tudo, numa tentativa de “libertar o estado puro” da ideia.

Se um cacho de uvas não tem duas sementes iguais, como querem que lhes descreva este bago pelo outro, por todos os outros, que dele faça um bago bom para comer? Esta intratável mania de reduzir o desconhecido ao conhecido, ao classificável, embala os cérebros. O desejo de análise prevalece sobre os sentimentos. Disso resultam dilatadas exposições cuja força persuasiva reside na sua própria singularidade, e que iludem o leitor pelo recurso a um vocabulário abstrato, bastante mal definido, aliás. Se as ideias gerais que a filosofia se propõe até aqui debater, marcassem por aí sua incursão definitiva num domínio mais extenso, seria eu o primeiro a me alegrar. (Breton, 1924, p.04)

---

<sup>1</sup> <http://www.comciencia.br/reportagens/2005/03/06.shtml>

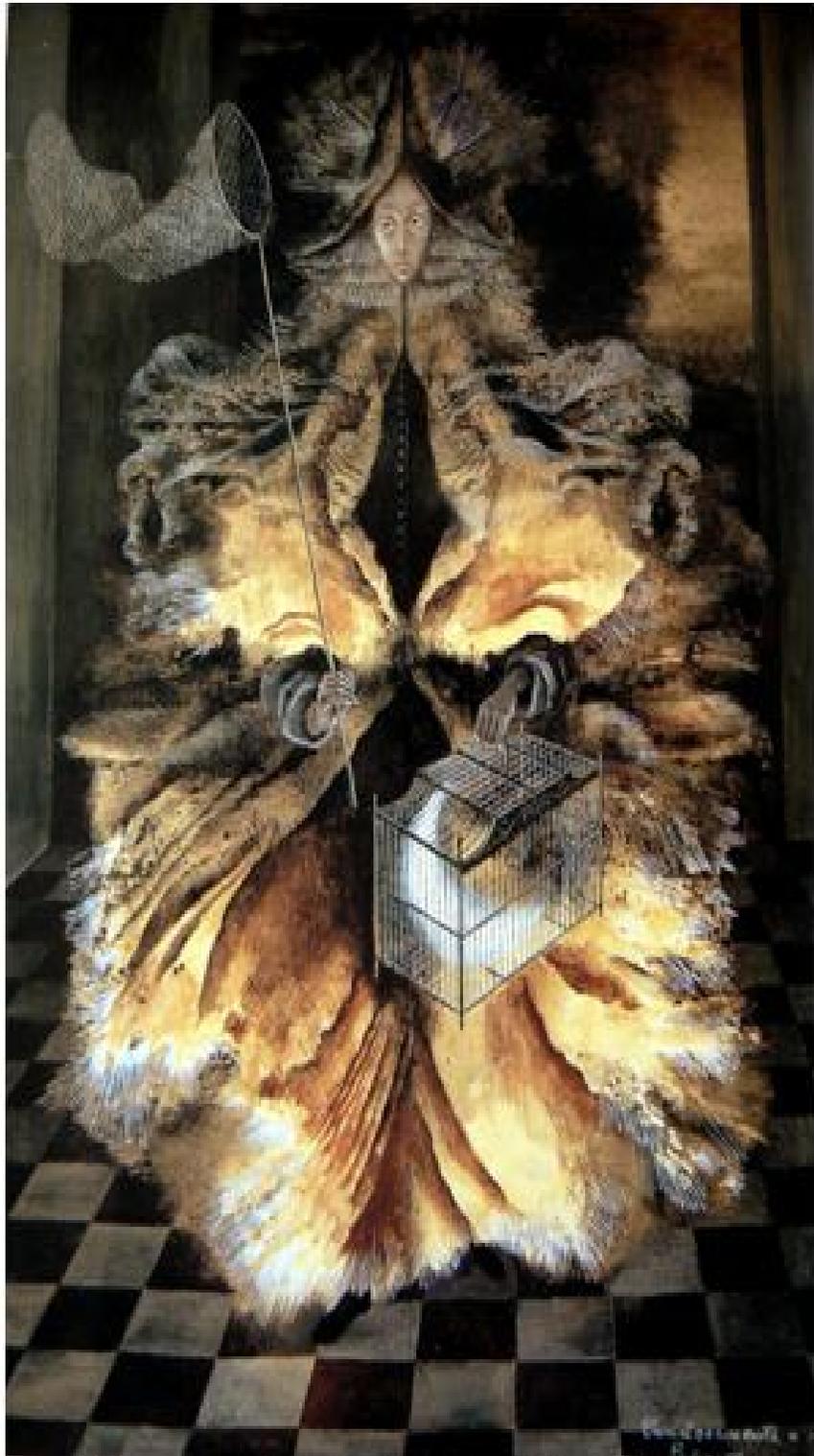
<sup>2</sup> [http://search.4shared.com/postDownload/3FABDWdg/Manifesto\\_do\\_Surrealismo\\_-\\_And.html](http://search.4shared.com/postDownload/3FABDWdg/Manifesto_do_Surrealismo_-_And.html)

*O que diz a arte a respeito do mundo em que vivemos? Será que ela revela algo sobre ele ou busca outros espaços, plurais e compósitos? A não ser que ela própria se ofereça como alternativa habitável. Seria o caso de efetuar a descrição desses mundos outros? [...] Questão dos diferentes tipos de possível a que a arte e a ficção dão corpo, e que parecem oferecer acesso aos mundos plurais. Anne Cauquelin*

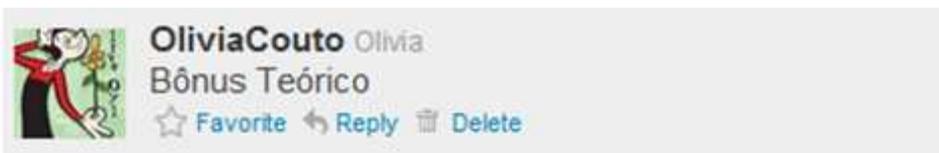
É nesse sentido que nos parece potente convidar Varo para nossa conversa, pois para romper com a lógica precisamos do mundo “semanticamente normal”, é contraditório, mas ao repensar a ciência caímos na contradição. E falar de contradição é trabalhar num terreno aquoso, nesse cenário vazado, quadriculado, no qual, Varo em sua obra a Caçadora de Astros, nos rouba a cena para o que parece “ser” esse outro lugar; o da contradição como se fosse possível defini-lo ou pintá-lo... na contradição o chão nunca está firme.

Mas o que seria então esse tal roubo da lua? Ora a lua além de ser o único satélite natural da terra possui poderes ainda desconhecidos, suas fases podem influenciar as marés, bem como seus efeitos pode causar mudanças no eixo terrestre, há ainda correntes que acreditam que ela pode influenciar o destino das pessoas.

Desse modo, ao aprisionar a lua o personagem obtém o controle sobre sua vida, a lua agora, não pode mais a influenciar com sua mudança de fase, aprisionar a lua é uma expressão alegórica que nos remete a tentativa de aprisionar o sentido das palavras, nos prender ao seu significado único, nos qualificando como sujeitos do nosso dizer. Desse modo, Remédios nos auxilia a pensar na construção da subjetividade, no assujeitamento que nos captura historicamente.



“Caçadora de astros” de Remedios Varo, 1956.



O que sempre me atraiu, me seduziu na análise de discurso é que ela ensina a pensar, é que ela nos tira as certezas e o mundo fica mais amplo, menos sabido, mais desafiador. E pensar que o sentido pode ser sempre outro vai nessa direção. Eni Orlandi.

O quadro teórico que norteia nossos estudos e análises é o da Análise de Discurso, na perspectiva materialista de Michel Pêcheux, Eni Orlandi e colaboradores. A Análise de Discurso (AD) se consolidou na França, nos anos 60, rodeada por um cenário de intensos debates filosóficos sobre a epistemologia, no período em que fortes questões estruturalistas circulavam pelo país e a Europa passava por instabilidades econômicas devido às turbulentas negociações da Guerra Fria.

Nesse contexto sócio-histórico, a análise do discurso se constituiu e se organizou na contradição/ no entremeio de três ciências: o Marxismo, a Linguística e a Psicanálise, o que a caracteriza como “uma espécie de antidisciplina, uma desdisciplina, que vai colocar questões da linguística no campo da sua constituição interpelando-a pela historicidade que ela apaga, [...] e interrogando a transparência da linguagem, questões sobre as quais outras ciências sociais se assentam”. (ORLANDI, 2007, p.25)

Um dos pontos culminantes da AD é descortinar a visão de indivíduo autônomo para um sujeito que está sujeito à língua na história, cujo modo de subjetivação é pela interpelação ideológica, re-significando a relação língua, sujeito e história. A AD se constitui como um dispositivo teórico que coloca em xeque as evidências no intuito de compreender o sentido que elas produzem no discurso, deslocando o sujeito para outra relação com a linguagem, dando visibilidade ao fato de que as palavras carregam sentidos determinados por certas instituições reguladoras.

Por isso, o indivíduo apenas imagina ser dono de seu dizer, não compreendendo a naturalização dos sentidos, seu atravessamento simbólico, ideológico, e as condições históricas deter-

minantes. “A entrada no simbólico é irremediável e permanente, estamos comprometidos com os sentidos e o político.” (ORLANDI, 2005, p.9).

Com efeito, a AD materialista desliza do empirismo para outro lugar de produção, o lugar das formações discursivas, no qual o sujeito heterogêneo é constituído pela contradição e a subjetividade interessa enquanto efeito, questionando os estudos linguísticos que deixam à deriva o sujeito e a situação.

Daí a importância de pensar a materialidade do sujeito, o ato falho, a contradição e o movimento do mundo, pois assim como a língua e a história, o sujeito também não é transparente. É sobre essa não transparência do sujeito, da história e da língua que a análise de discurso funda suas bases.

Por isso, a necessidade nessa dissertação de tomar a análise de discurso como lugar teórico que nos permite desenvolver a reflexão que estamos propondo, uma vez que o modo de individualização do sujeito usuário do Twitter passa pela sua identificação a uma formação discursiva que é a do consumo da informação, o que vai determinar a sua posição no discurso.

Nesse sentido, a relação entre o real e o equívoco nos interessa, relação essa que se inicia em Saussure, segundo demonstra a obra de Pêcheux e Gadet (2004), “A língua inatingível”. Essa relação é fundamental em nossa reflexão já que a irrupção do equívoco é o que afeta o princípio da univocidade da língua. Esse princípio não é, no entanto, para os autores, localizável nela, pois ele advém da relação dos efeitos materiais da língua na história. É ele que remete, para Orlandi (2001), ao modo de funcionamento da ideologia, que produz a evidência do sentido.

Se, de um lado, a identidade produz a evidência do sujeito, de outro lado, a ideologia produz a evidência do sentido. Assim, a relação do sujeito com a língua não acontece de forma unívoca, pois ela acontece na história, no jogo da língua na história que nos mostra a falha, o efeito metafórico, a possibilidade de movimentos que se realiza entre eixos - o mesmo e o diferente - ilustrados por Pêcheux e Gadet (idem) através do chiste. O Witz supõe sempre um desvio da língua *pela história, a língua, o texto* que é o equívoco.

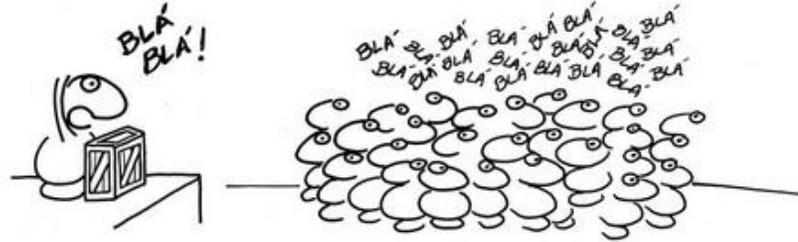
Desse modo, olhar para o discurso enquanto materialidade discursiva ligada às revoluções tecnológicas digitais significa desdobrar as novas redes de sentidos re-significando nossas rela-

ções na/pela linguagem/conhecimento. Nesse viés, nos pautamos na reflexão proposta por Dias (2004, 2005) sobre as tecnologias digitais e seus efeitos na sociedade contemporânea e na constituição do sujeito.

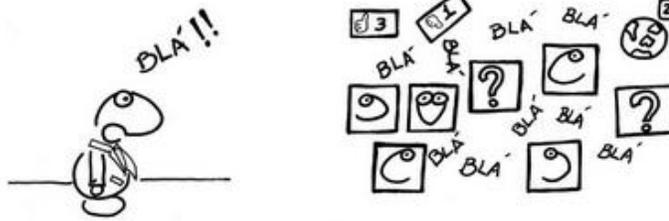


# Interfaces

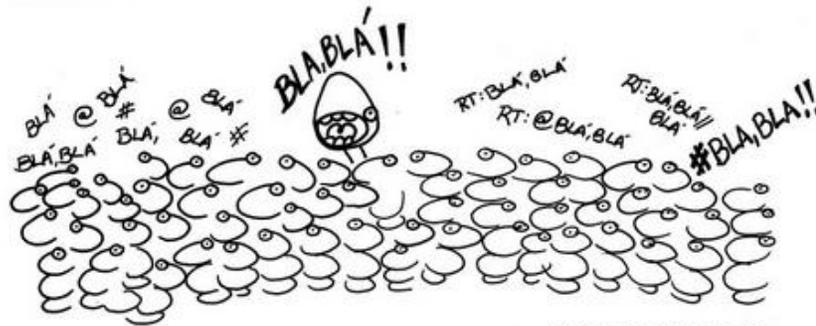
## orkut



## facebook



## twitter



WWW-BOBIKER.COM



O twitter foi instituído pela empresa americana *Obvious Corp*, em março de 2006, na cidade de São Francisco, com o objetivo inicial de ser utilizado pelo celular para fins de enviar recados profissionais a funcionários da companhia de uma forma mais rápida e direta. O site transformou-se numa rede social e servidor para microblogging permitindo que seus usuários enviem atualizações pessoais sobre o que estão fazendo ou sobre algo que gostariam de evidenciar naquele momento para os seus seguidores.

De acordo com os organizadores do site<sup>3</sup>, o twitter é uma rede de informação em tempo real, sustentada por pessoas de todo o mundo, que permite partilhar e descobrir o que está acontecendo no tempo sempre presentificado pelo agora. .



<sup>3</sup> Informações disponíveis no rodapé da página principal do site opção *About Us*.

Na página inicial do site o enunciado: *Bem-vindo ao Twitter. Descubra o que está acontecendo agora mesmo, com as pessoas e organizações que lhe interessam* presente no recorte acima, remete a compreensão do que as pessoas estão fazendo nesse momento, a utilização do gerundismo nos transporta para o local do acontecimento dá ideia de tempo sem fim, sem limite há um processo de identificação para que o sujeito busque o que ocorre no mundo nesse instante, *o que está acontecendo agora mesmo*, o uso advérbio temporal *agora* dá ainda mais realce para o que parece ser imediato.

O twitter possui também, um “Manual para os negócios”<sup>4</sup> que ensina como a rede pode facilitar a vida de seu usuário, principalmente para o marketing de sua empresa.

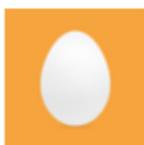
A pergunta inicial do site *What are you doing now?* dá lugar à paráfrase *What's happening?* Logo abaixo de um usuário tem a opção *follow-me*, ao clicar nessa opção a pessoa recebe em tempo real as atualizações, twittes diários de quem segue.

O termo *follow-me* pode ser traduzido para siga-me essa designação escolhida pelo site é no mínimo inquietante, os twitteiros seguem e são seguidos. A palavra seguidor, nos remete a figura alegórica do mestre que "espalha" os ensinamentos na montanha para seus discípulos. Como mestres os twitteiros podem retwitter/repetir/espalhar sua "mensagem" pelo site, daí a necessidade de se ter muitos seguidores, quanto mais followers, mais prestígio o usuário tem, pois sua ideia pode propagar com mais rapidez e ganhar força. É atrativo pela possibilidade de maior evidência, modo de se promover, consumir e ser consumido.

As atualizações feitas no site são enviadas através de SMS, e-mail, celular, site oficial ou programa especializado contendo apenas 140 caracteres, de modo a caracterizar a rapidez nas mensagens. Ao se cadastrar no site, o sujeito recebe uma imagem principal em seu profile que pode ser trocada por uma foto pessoal. Vejamos um perfil recém-criado do guia de Cultura Usp:

---

<sup>4</sup> A página é elaborada por Sarah Milstein é GM TechWeb e co-presidente para a Web 2.0 Expo. Ela também é co-autora, com Tim O'Reilly, do *Livro Twitter*.



A imagem do ovo produz vários efeitos que remetem à simbolização do pássaro em sua materialidade como representante do site. O ovo carrega a cristalização do sentido do novo, e toda sua significação biológica de nascimento, uma célula que se forma após a reprodução sexual, fecundação do núcleo do óvulo com espermatozoide, e uma certa significação religiosa de renascimento.

Há uma metaforização do nascimento digital desse sujeito que acaba de se inserir nessa rede, já que o ovo simboliza o pássaro Twitter, ele é filho do site agora, se inicia a constituição de pertencimento, de lugar. Por outro lado, o ovo também significa a prosperidade. Para as empresas, por exemplo, o twitter seria o início de uma vida próspera, o que para marketing é sempre fundamental.

A palavra Twitter - se refere ao gorjeio produzido pelo pássaro — "*jogar conversa fora*", "*papear*", "*tagarelar*", produz o sentido do excesso, falar muito, falar tudo em poucos caracteres. A presença da palavra *muito* provoca um contraponto à formulação pouco mostrando o batimento entre o excesso e a brevidade. No entanto, o que parece estar em mais destaque é a questão da brevidade.

Essa característica permite que pensemos ainda num outro traço do nosso tempo: o de estarmos vivendo numa “sociedade confessional” (BAUMAN, 2008). Não mais uma confissão como parte da esfera privada, domínio das instituições religiosas e de prática do poder sobre a subjetividade, mas uma confissão pública de si mesmo, um outro modo de determinação histórico-social na elaboração da subjetividade (SOUZA, 1997), ainda um outro modo de exercício do poder.



A charge acima satiriza o modo como a utilização das redes sociais se tornou uma “confissão”, Foucault (1995, p.1) nos diz que a confissão representou um *importante papel nas instituições penais e religiosas, e naquilo que concerne todos os pecados, não somente aqueles da carne[...] como certos saberes de si são advindos do preço a pagar por causa de determinadas formas de proibições? O que se deve conhecer de si a fim de aceitar a renúncia?*

O ato de se confessar, falando de si para o outro pode se relacionar com o princípio délfico de “Conhece-te a ti mesmo” o conhecimento de si, ‘o cuidado de si’ conforme nos mostra Foucault (1995) é o princípio da moral da filosofia da antiguidade, *já que ao ensinar os homens a se ocuparem de si mesmos eles o ensinam a se ocuparem da cidade.*

Desse modo, entendemos que o funcionamento da língua carrega relevantes significações nessa ‘cultura de si’, Foucault (1995, p.8) afirma ainda, que entre as obrigações do cuidado de si’, há a indicação de anotar escritos sobre si, *que poderão ser relidos [...]a fim de reativar para si mesmos as verdades da qual precisaram.*

Na ‘publicização’ de si estão envolvidos processos históricos de interpelação, o ciber-sujeito não escapa do assujeitamento político, ideológico, há interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia,[...] para que o sujeito seja sujeito é necessário que se submeta à língua. E é por estar

sujeito à língua, ao simbólico que ele por outro lado, pode ser sujeito de.(Orlandi 2007, p.18)E isso se relaciona com *com a distinta materialidade das memórias. E os modos de interpretação.* (Orlandi:2007, p.18), já que a língua se inscreve na história para significar.

Sabemos também que o funcionamento na materialidade da língua é um efeito do funcionamento do mundo, que em função da velocidade da informação e da comunicação acelerou suas relações econômicas, políticas e sociais. Não sem razão. O consumo é um sintoma importante desse tipo de ‘publicação de si’ que temos no twitter. Em 140 caracteres é preciso ser como uma ‘tendência’ a ser seguida, uma ‘marca’ desejada. É preciso promover a si mesmo. É esse “intercâmbio de informações pessoais” que, segundo Bauman (2008), está no cerne das redes sociais.

O escritor português José Saramago em uma entrevista concedida ao jornal GLOBO em julho de 2009, por e-mail, ao ser questionado sobre o site e a concisão de se expressar em 140 caracteres e se ele teria algum interesse em abrir uma conta na rede afirmou: *Nem sequer é para mim uma tentação de neófito. Os tais 140 caracteres reflectem algo que já conhecíamos: a tendência para o monossílabo como forma de comunicação. De degrau em degrau, vamos descendo até o grunhido.*

A preocupação do autor se filia as grandes questões históricas que se relacionam com a própria mudança da língua com advento da internet, e com suas modificações nas formas gramaticais, a abreviação das palavras ao usá-las na rede.No entanto, há também, outros modos de limitação das palavras já registrados na literatura, a narrativa breve, por exemplo, foi utilizada por Augusto Monterroso um escritor nascido na Guatemala que ficou internacionalmente conhecido por seus micro-contos desde 1969, seu modo de ficção breve não tirou o fascínio e a complexidade de suas obras.

## COMO DEIXAR DE SER UM MACACO

O espírito da pesquisa não conhece limites. Nos Estados Unidos e na Europa, foi, recentemente, descoberta uma espécie de macaco latino-americano, capaz de se expressar por escrito, idêntico, talvez, ao diligente macaco que, batendo nas teclas de uma máquina de escrever, ao acaso, eventualmente reproduz os sonetos de Shakespeare. Uma coisa assim, naturalmente, maravilha essa boa gente e não faltam dispostos tradutores de nossos livros ou senhores e cavalheiros ociosos para comprá-los, como outrora compraram as cabeças encolhidas dos índios Jivaro. Há mais de quatro séculos o frei Bartolomeu de Las Casas finalmente teve sucesso em convencer os europeus que nós éramos humanos dotados de alma porque rí-

amos; agora eles querem convencer a si mesmos da mesma coisa porque escrevemos.(Augusto Monterroso)<sup>5</sup>

Não podemos deixar de observar, que as condições de produção do micro-conto são muito distintas das do twitter, há uma grande diferença em sua materialidade, que se significa na história, pois *distintas materialidades sempre determinam diferenças no processo de significação*. (Orlandi: 2007, p.17). Dessa forma, os gestos de interpretação levam em conta as condições de produção da escrita, que no caso específico do twitter são produzidas com divulgação e circulação em 140 caracteres. Vejamos os recortes abaixo:



---

<sup>5</sup> [http://www.releituras.com/amonterroso\\_pensamentos.asp](http://www.releituras.com/amonterroso_pensamentos.asp)

Podemos observar que a textualização do site se constitui por meio de mensagens postadas de conteúdos variados, que se configuram de forma fragmentada. Na primeira postagem o sujeito nos mostra um comentário sobre a roupa de alguém, ele quer ouvir uma opinião, o uso do verbo *falar* no presente do indicativo exerce a função sintática de “imperativo”, reformulando a frase ele poderia ter dito: *Fale-me sobre a roupa de ...* ou *Por favor, me fale da roupa de...* o usuário pretendia dizer explicitamente sua opinião, mas ele precisava de uma aprovação social para twittá-la, por isso optou por enviar em forma de link uma foto da pessoa se inscrevendo em outro gesto.

Na perspectiva discursiva, colocar um link é uma forma de escritura um modo de exteriorizar sua postagem para outra página, o cibersujeito mostra sua maneira de conceber seu espaço a partir de sua posição ideológica, considerando as condições de produção do próprio site, no qual, o sujeito particular é apagado pela globalização, engolido pelo universal. No recorte, há também, duas postagens de divulgação científica que objetivam compartilhar novas descobertas da ciência e se tecem no gerenciamento da memória coletiva. Segundo Orlandi (2007, p.133)

A divisão que separa os que estão autorizados a ler, escrever e falar em seus nomes e todos os outros que, na cópia, na transcrição, na classificação, na indexação, na codificação, remetem a incansavelmente gestos (de interpretação) que os apagam por detrás da instituição.

Outro aspecto relevante, é que por possuir ferramentas<sup>6</sup> precisas o Twitter transformou-se em um site potencial para divulgação científica e também produções jornalísticas, visto que, profissionais da área e pessoas interessadas pela informação utilizam esse ciberespaço para postar *updates* sobre os últimos acontecimentos e para expressarem suas opiniões sobre determinados assuntos.

---

<sup>6</sup> Uma das ferramentas mais utilizadas é o ReTweeting –RT que significa repetir, encaminhar uma postagem de algum outro usuário.



## Ciencia y Tecnologia

[@\\_Ciencia\\_Tecno](#)

[view full profile](#) →

España

*Ciencia y Tecnologia desde medios, agencias, blogs... Todos Temas: <http://noticias-por-temas.qwapo.es> Feeds RSS: <http://feeds.feedburner.com/Noticias-Ciencia> <http://feeds.feedburner.com/Noticias-Tecnologia>*

**13,821**

Tweets

**8**

Following

**113,545**

Followers

**1,819**

Listed



## CH em tempo real

[@CHtemporeal](#) [view full profile](#) →

*Conta do Twitter da revista Ciência Hoje para a cobertura de eventos em tempo real.*

<http://www.cienciahoje.org.br/>

**457**

Tweets

**1**

Following

**525**

Followers

**36**

Listed



## SBPC

[@SBPC](#) [view full profile](#) →

São Paulo, SP

*Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*

<http://www.sbpnet.org.br>

**230**

Tweets

**30**

Following

**4,412**

Followers

**221**

Listed

Os perfis acima correspondem a agências e instituições científicas, observe que o número de usuários que elas seguem é bem inferior ao número de seguidores que elas têm. Isso tem a ver com o modo com que essa agência científica se posiciona no site, pois ela só recebe mensagens dos twitters que segue, os quais somam uma média de 1 a 30, sendo alguns deles instituições científicas e pessoas ligadas à ciência.

Qual será então, o lugar que divulgação científica ocupa no twitter? O site causa um efeito imaginário de poder ao acesso da informação, no entanto esse conhecimento parece ser apenas “twittado” e não compartilhado com os usuários, visto que nenhum seguidor consegue estabelecer o dialogo com essa agência, tirar alguma dúvida sobre a publicação, se ele não é seguido.

Há troca de conhecimento? Interessa para ciência ser apenas seguida? Seria essa a voz muda dos seguidores da ciência? As instituições científicas conversam entre si? Ou a ciência se basta e é seguida, mas segue apenas instituições. Ocorre o simulacro do funcionamento social, a ciência em outro lugar do mesmo modo?

No intuito de compreender o funcionamento da ciência no twitter, entendemos como necessário discorrer sobre a configuração da ciência na atualidade.

As coisas que acontecem no mundo, em sua maioria, precisam do crivo da ciência para serem consideradas “reais” numa sociedade capitalista. Seja um acontecimento, uma notícia sobre religião, doença, e diversos outros assuntos necessitam de um aval científico para aceitação social. Uma vez aprovados pela ciência, os fatos parecem carregar um sentido cristalizado de estar além da contestação. É a autoridade científica funcionando no imaginário coletivo. Pensemos então o que representa a ciência hoje na sociedade?

Michel Pêcheux (2008) em seu livro “O Discurso: Estrutura e Acontecimento” explicita o modo como o cientificismo atravessa as relações de estrutura e acontecimento. O autor nos alerta

sobre o que chama de *universos logicamente estabilizados*<sup>7</sup> e coloca em cheque o pensamento de um real lógico das ciências exatas. O real, segundo o autor, é inatingível e o valor do signo está em seu significado no mundo.

Segundo Pêcheux (2008, p.62) “é trivial lembrar que as matemáticas são também uma ciência experimental, cujas montagens são as escrituras elas próprias”. *Esta “cobertura” lógica de regiões heterogêneas é um fenômeno bem mais maciço e sistemático* e “o fantasma da ciência régia é justamente o que vem, em todos os níveis, negar esse equívoco, dando a ilusão que sempre se pode saber do que fala” (p.55).

O autor se refere ao fato de que a linguagem se configura numa eterna incompletude e dar conta daquilo que falta está na base do impossível. Nos mostra ainda que a busca pela univocidade lógica nos atravessa historicamente:

De nada serve negar essa necessidade (desejo) de aparência, veículo de disjunções e categorizações lógicas: essa necessidade universal de um “mundo semanticamente normal”, isto é normatizado, começa com a relação de cada um com seu próprio corpo [...] (Pêcheux 2008, p.34)

Desse modo, não objetivamos negar o atravessamento de um universo logicamente estabilizado, a necessidade de existir uma “ordenação”, seja qual for, para significação, mas apenas desestabilizar alguns conceitos cristalizados por esse lugar do semanticamente normal. Nesses termos, Foucault afirma que:

---

<sup>7</sup> Expressão utilizada pelo autor para se referir aos “universos das porcentagens de resultados, munidos de regras para determinar o vencedor” (p.23)

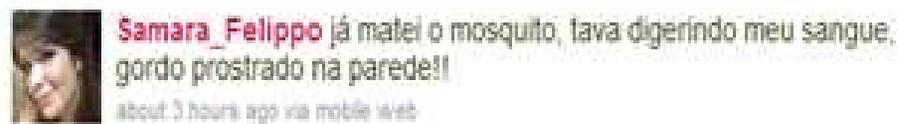
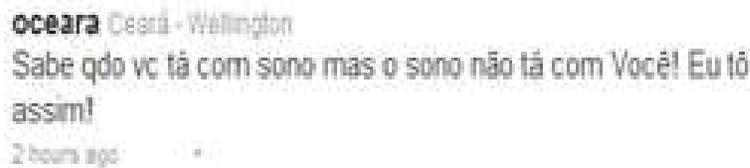
Não existe [...] fontes e registros expressos em idéias que sejam acabados – um modelo original a ser perseguido – como se pudéssemos chegar e reencontrar o que era imediatamente, o “aquilo mesmo” de uma imagem exatamente adequada a si. [...] O que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada da origem – é a discórdia entre as coisas, é o disparate (FOUCAULT, 1979, p. 17-18)

O autor nos alerta que a origem não é o lugar definitivo da história, porque a língua é viva, e o político está em sua inscrição. Seria, então, a ciência, uma história contada pelo olhar do cientista? Seria a arte uma história contada pelo olhar do artista? Seria o artista um cientista ou o cientista um artista?



Há um modo de enunciação da ciência, do lugar da ciência, do modo de enunciação de si. Mas há, também, um modo de enunciação de si pela enunciação da ciência.

Vejamos ainda outros recortes, que nos mostram os modos de se dizer no twitter:



Há um espaço de publicação de si, uma outra postagem que relata um acontecimento cotidiano tão trivial que sua publicação demonstra uma “interação autista”, *o falar de si como constitutivo da alteridade*.<sup>8</sup>

Observamos que nos twittes acima onde o sujeito parece ter a necessidade de dizer, e/ou exteriorizar seu estado de espírito, de se relacionar com o outro de uma forma rápida e sem riscos, podendo se aproximar ou afastar do amigo sem maiores perturbações. Essa forma de relação, no entanto, parece ser muito mais consigo mesmo do que com o outro. Uma espécie de ‘alteridade autista’, parafraseando a expressão “interação autista”, cunhada por Robin (2002).

---

<sup>8</sup> Essa formulação dá título à dissertação de mestrado de Cristiane Dias (Universidade Federal de Santa Maria, fevereiro de 1999).

O que está silenciado é que os twitteiros, impulsionados pelo desejo<sup>9</sup> de ser diferente, pelo “sentimento de ser Um, no todo da sociedade” (ORLANDI, 2006, p.22), utilizam os recursos da rede, na qual, muitas vezes, divulgam a produção científica, de outra maneira. A divulgação científica se mistura a outros aspectos da vida pessoal. Ela faz parte de uma ‘publicidade de si mesmo’ que está, portanto, atravessada também pela publicidade de produtos em geral e da própria informação. Porque quanto mais o sujeito está informado, mais é respeitado na sociedade contemporânea, e isso tem consequências para o modo como o sujeito significa nessa relação com o conhecimento.

Ocorre um deslocamento da pergunta inicial *Quem sou eu?*<sup>10</sup> para *O que você está fazendo agora? O que está acontecendo?* A origem do indivíduo se mistura a outra grande, a necessidade de saber o que os outros estão fazendo, e de publicar o que se tem feito para os outros, um deslocamento da percepção do *panótipo*<sup>11</sup>, muito utilizado pelo *reality show*, para o *sinóptico*, a visão geral do todo pelo olhar do próprio sujeito, já que, a torre que controla e disciplina os corpos “divide” o poder com o sujeito, não há mais um centro vigiando o todo, mas o todo vigiando o todo, O próprio sujeito garante o funcionamento da política de vigilância sem precisar de um mecanismo presencial, pois o “novo sujeito” é interpelado por uma ideologia silenciada, há um simulacro do poder.

Um site intitulado *We know what you’re doing*<sup>12</sup>, desenvolvido pelo britânico Callum Haywood ficou famoso por publicar as atualizações comprometedoras de alguns usuários do fa-

---

<sup>9</sup> Tomamos aqui a noção de desejo da perspectiva de Deleuze (1994). O autor fala do agenciamento do desejo, que não pertence ao campo de determinação natural, nem espontânea, mas a uma espécie de agenciamentos sempre historicamente assinaláveis cujo “desejo implica, sobretudo a constituição de um campo de imanência ou de um “corpo sem órgãos”. Corpo que é tanto biológico quanto coletivo e político; é sobre ele que os agenciamentos se fazem e se desfazem” (DELEUZE, 1994, p.57).

<sup>10</sup> Genuína das questões filosóficas idealistas, espirituais e inquietações do sujeito a respeito do surgimento do eu, também abordadas por Lacan. Utilizada como referente no site de relacionamento ORKUT.

<sup>11</sup> O panóptico é a palavra usada para a vista total, a visão de 360°. Jeremy Bentham utilizou o conceito em sua influente re-engenharia social, colocando o corpo (os corpos, nós e os outros) sob a disciplina da constante invasão da privacidade. Hospitais, conventos, colégios, instituições do Estado e as prisões, principalmente, por volta do final do século XVIII, reformaram seus prédios de forma a estabelecer este controle rígido da privacidade, por meio da disciplina.

<sup>12</sup> Nós sabemos o que você está fazendo <http://weknowwhatyouredoing.com/>

cebook. Callum as divide em 4 categorias: Quem quer ser demitido? Quem está de ressaca? Quem está usando droga? Quem tem um novo número de telefone? O desenvolvedor web de apenas 18 anos diz que seu objetivo com o site é evidenciar a fragilidade da publicização frenética alertando os internautas que existem "pessoas" te vigiando na rede.

The screenshot shows a web browser window with the URL 'weknowwhatyouredoing.com'. The main heading is 'We know what you're doing...' followed by the subtitle 'a social networking privacy experiment'. Below this, there are social media sharing buttons for Facebook (31,287 likes), Twitter (6,611 tweets), and a follow button for '@callumhaywood'. A list of public Facebook statuses is shown, including 'Busca de status', 'Quadrangular Location Finder', and 'Facebook amigo checkins'. A prominent green button says 'Find out which apps know what you're doing >'. Below this, there are four columns of user profiles with their names, profile pictures, and snippets of their status updates, categorized by the four themes mentioned in the text: 'Quem quer ser demitido?', 'Quem está de ressaca?', 'Quem está tomando drogas?', and 'Quem tem um novo número de telefone?'. Each profile includes a small icon representing the app used to post the status.

weknowwhatyouredoing.com

# We know what you're doing...

a social networking privacy experiment

Curtir 31.287 pessoas curtram isso. Seja o primeiro entre seus amigos.

Tweet 6.611 Follow @callumhaywood

Públicos status do Facebook - Busca de status - Quadrangular Location Finder - Facebook amigo checkins - Contato

**Find out which apps know what you're doing >**

By [MyPermissions.com](#)  
[Sobre essa ferramenta](#)

### Quem quer ser demitido?

**Martin S.**  
possivelmente apenas encontrei o meu site favorito de todos os tempos... Muito NSFW. cerca de 4 dias, 2 pessoas como este, publicado na Web, relatório

**Ras C.**  
Eu odeio meu chefe, ele é a praia traiçoeira. cerca de 5 dias, nenhum povo como este, publicado a partir de Mobile, relatório

**Rajesh K.**  
Eu odeio meu BOSS .... Eles sempre tomar decisões em seu nome e que estão constantemente a acreditar que eles fizeram a escolha certa ... como um empregado, você tem que sofrer e

### Quem está de ressaca?

**Jonathan B.**  
Hungover. & cerca de 18 minutos, nenhum povo como este, publicado a partir de smartphones BlackBerry App, relatório

**John T.**  
olhos abertos ma ... ressaca de novo! cerca de 25 minutos, nenhum povo como este, publicados a partir de web, relatório

**Megan G.**  
Assim ressaca!! : (Olhando para a frente para uma fritada grande gorduroso esta manhã cerca de 26 minutos, nenhum povo como este, publicado a partir do Facebook para iPhone, relatório

### Quem está tomando drogas?

**Andrea R.**  
Wen i bater em você eu fico feliz ~ (°.°) ~ Lolsz ! (Como se você obtê-lo) \* ppl que fuma maconha pode! cerca de 54 minutos, nenhum povo como este, publicado a partir de Mobile, relatório

**Stefon Loon J.**  
Eu só quero relaxar com uma cadela mal e fumar maconha boa. cerca de 54 minutos, nenhum povo como este, publicado a partir do Facebook para Android, relatório

**Chedda da D.**  
Eu disse roll one fumo um quando u viver assim supor sua festa para Wat ficamos bêbados para Wat fumamos maconha cerca de 56 minutos, 2 pessoas

### Quem tem um novo número de telefone?

**Adam W.**  
Eu tenho um novo número de telefone: 07 xx 7 47 xx 6 x. cerca de 7 horas atrás, sem pessoas como essas, publicadas a partir de web, relatório

**Ross W.**  
Hey pessoal aqui é o meu novo número 07 xx 411410 x como eu perdi meu celular no México texto me ur números com nomes Ur So eu sei whos eles são xx cerca de 9 horas atrás, 2 pessoas como este, publicado a partir do Facebook para iPhone, relatório

**Beth R.**  
se livrou do meu blackberry

Segundo Foucault (2002, p.166 e 167):

A visibilidade é uma armadilha.[...] Uma sujeição real nasce mecanicamente de uma relação fictícia. De modo que não é necessário recorrer a força para obrigar o condenado ao bom comportamento, o louco a calma, o operário ao trabalho, o escolar a aplicação, o doente a observância das receitas.

O “tudo visto” está no cerne das redes sociais, o sujeito que não se diz nesse espaço, que não “cutuca”, que não “curti”, que não “comenta”, que não “twitta”<sup>13</sup> os acontecimentos, passa a não existir nesse ciberespaço, já que se constitui no dizer do que está fazendo a cada momento. O verbo estar transborda o ser: “o que estou fazendo agora” dá pistas de “quem sou eu”, o modo de existir no digital é atravessado pelo ideológico, pela transparência, pelo estar visível ao outro.

Essa mudança de questão seria realmente uma transição para suprir as novas necessidades do sujeito ou uma necessidade a mais? O fato é que as duas questões coexistem e revisitam o passado retornando de uma maneira re-significada, num processo de repetição e atualização da nossa memória discursiva, trazendo o equívoco da língua.

Dante Gallian, em artigo intitulado “Ética, ciência e biologia” ressalta que:

É incrível observar que no momento em que a ciência contemporânea parece atingir o seu mais alto grau de sofisticação técnica e especialização, ela parece querer se abrir - ou melhor, necessitar se abrir - para o universo de onde ela partiu mas do qual tanto se afastou: o universo das humanidades; o universo da filosofia, da história, da arte... [em que] o método científico se reencontraria com a reflexão, com a criatividade, com a poesia.

---

<sup>13</sup> Ferramentas e ou expressões utilizadas para interação social nos sites citados.

Nesse sentido Dias (2011) afirma que:

Ao perguntar “o que você está pensando”, pergunta-se pelo sentido. O sujeito é interpelado a falar de si, de sua subjetividade, do seu pensamento, das suas idéias sobre o mundo e os acontecimentos. Podemos dizer que a pergunta “quem sou eu” é do sujeito para si mesmo, e “o que você está pensando” é do sujeito para o outro. Seja num ou no outro movimento do dizer, o sujeito cria, no entanto, um lugar de enunciação de si, de busca pelo sentido de sua existência, o seu lugar na história. E esse movimento é a própria construção do conhecimento.

E as relações sociais se tecem nesse fio da visibilidade, entre o público e o privado, o virtual e o atual, esses laços sociais precisam ser reafirmados no digital para que signifiquem. É outro lugar de produção, mas o navegar do sujeito “lá” prolonga o existir “aqui” fora do ciberespaço.

O recorte abaixo elucida bem a questão do prolongamento da existência em outro mundo, a frase: *Você saiu do Twitter. Leve-o com você*, demonstra o modo como a relação do sujeito com esse site está colada a sua corporeidade.

Twitter

Idioma: Português ▾ Você possui uma conta? Entrar ▾

Você saiu do Twitter. **Leve-o com você.**

iPhone Android iPad BlackBerry Windows Phone 7

Baixar agora Usar via mensagem de texto

Você está com o seu celular?  
[Visite m.twitter.com no seu dispositivo >](#)

Perguntas sobre o uso do Twitter no celular?  
[Visite a nossa Central de Ajuda para Dispositivos Móveis >](#)

Controle de privacidade & configurações de notificação?  
[Visite a nossa página de Configurações para Celular >](#)

© 2012 Twitter Sobre Ajuda Termos Privacidade Blog Status Aplicativos Recursos Empregos Anunciantes Empresas Multimídia Programadores

E o uso do celular para acessar site é cada vez mais frequente o que o torna o twitter, além de tudo “portátil” e o corpo se molda ao modo de organização do conhecimento, o corpo se constitui no apagamento corpo/tela, o sujeito se configura e significa cada vez mais no espaço ciber, vejamos os recortes abaixo:



Ao prolongar a existência do ser, o navegar carrega algumas preocupações, tendo em vista que muitas vezes o sujeito não se dá conta das proporções que sua publicação pode alcançar, por desconhecer o “poder da rede”. O fato é que do mesmo modo que nossos pais provavelmente não colavam suas fotos em poste ou na rua, expor a intimidade na rede pode causar sérias mudanças da “vida atual”.



Outro aspecto relevante ao analisar o site, é o deslocamento do modo de divulgar a produção científica ocorre não só por meio da própria materialidade do site, que permite apenas um

comentário, encaminhamento do acontecimento, mas também pelo acesso a redes que ele proporciona através dos links, dos retweeting, da possibilidade de pesquisar tudo que foi postado a respeito do assunto que interessa.

Observamos que o deslocamento do modo de divulgar a produção científica ocorre não só por meio da própria materialidade do site, que permite apenas um comentário, encaminhamento do acontecimento, mas também pelo acesso a redes que ele proporciona através dos links, dos retweeting, da possibilidade de pesquisar tudo que foi postado a respeito do assunto que interessa.

Um bom exemplo é o caso do Twitter Voz da Comunidade, originário de um jornal distribuído no complexo do Alemão, subúrbio do Rio de Janeiro, e organizado por Renê, um menino de 17 anos, que tinha como objetivo principal denunciar as condições precárias da comunidade. Depois do local tornar-se cenário de uma Guerra Civil, o garoto passou a usar o Twitter para publicar as últimas informações dos confrontos, a cada novo acontecimento que presenciava, mostrando seu olhar de jornalista e morador da comunidade vizinha. De 180 passou a ter 30 mil seguidores.

*Sempre tive vontade de fazer alguma coisa pela minha comunidade. As pessoas que vivem aqui são sofridas, não têm direito a nada, tudo é precário. Pedi ajuda no colégio para fazer um jornalzinho e para reproduzir com xerox. Me ajudaram. Depois, ganhei um laptop usado e comecei a postar tudo no twitter. Não pensei que ia ter tanta repercussão”, conta ele.*<sup>14</sup>

Esse acontecimento nos ilustra o apagamento da fronteira entre autor/ leitor nesse ciberespaço, que já se observava nos blogs. Pelo Twitter Voz da Comunidade se tinha acesso à visão de alguns moradores do local que vivenciaram aquela Guerra, já em outras mídias se ouvia mais a visão do Estado.

No entanto, os recortes abaixo que se referem a twittes atuais, demonstram que Renê não pode mais compartilhar os acontecimentos da favela.

---

<sup>14</sup><http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/rio-contra-o-crime/noticia/2010/11/pelo-twitter-jovem-passar-correspondente-da-guerra-no-alemao.html>



A postagem: *A gente que mora aqui não pode falar muito pra acabar não tenho problemas, precede outro twitte , no qual, Rene afirma: Não posso ficar me arriscando aqui nas redes sociais, mas que a favela tá tensa, tá.,*

Ao dizer que não pode dizer, o sujeito diz nos mostrando que existem processos silenciamento e vigilância do que ele posta em seu twitter. Após sua repercussão anterior, Renê perde o lugar de denúncia, o sistema o engole, o institucionaliza na tentativa de esvaziar o sentido de seus relatos sobre a favela. No entanto, o não dito, também significa *marca e ecoa sua presença pela censura do não poder dizer.*Orlandi(2010)

A força do significante aparece em cheio, na situação de censura. É mais forte que o autor, o leitor, o censor, a política.[...] Uma vez estancado um processo de sentidos, numa posição em sua relação com as formações discursivas, o sentido emigra( e se desloca) para qualquer outro objeto simbólico possível.(Orlandi: 2010,p.124)

Outro aspecto observado no site é o uso da metalinguagem, o sujeito se coloca na tentativa de entender a dimensão do site, e o modo com que a materialidade o afeta. Como veremos nos recortes a seguir:



**mikeavelico** minha vida antes do twitter: escola, msn orkut. pós twitter: escola, twitter, twitter, twitter, dormir, acordar, twitter, escola, twitter...

about 2 hours ago via web



**rosana** O Twitter é a vizinhança do planeta conectado.

8 minutes ago via RockMelt



**CantadasFodas** Frase do dia: Ninguém é tão feio como em seu RG, tão belo como em seu Orkut, tão gente fina como em seu Twitter!

Tue Oct 05 2010 18:15:21 (Hora oficial do Brasil) via web

Retweeted by **Rebekitah** and 100+ others



**josemurilo** Jose Murilo

Brasil é o segundo: Twitter users by country

<http://www.sysomos.com/insidetwitter/geography/> via/ @alzaid

7 Feb

Ainda no que se refere ao número restrito de caracteres, podemos observar de que modo o digital produz uma tensão do excesso da informação mesmo com a brevidade das notícias. Vejamos os twittes abaixo:



**Lya\_Luft** A doença da futilidade nos contamina, e se não cuidarmos vamos deixar que os outros nos enxerguem nos menores detalhes.

18 minutes ago via web

Reply Retweet



**genetonmneto** O cinema avançou quando deixou de ser mudo para se tornar "falado". Já a TV daria um grande salto se deixasse de ser falada e ficasse muda.

about 24 hours ago via web

Retweeted by you and 100+ others



**genetonmneto** A TV é, em suma, um eletrodoméstico que fala. Pode - e deve - ser levada a sério, tanto quanto a enceradeira, por exemplo. Ou o liquidificador.

3:29 PM Jul 17th via web

O que é recorrente é que a quantidade de caracteres, a suposta superficialidade das notícias, está atravessada pelo modo como a informação circula na sociedade, geralmente representada por um porta-voz, uma figura que fala pelo outro. O que gera um problema, porque os elementos que estão constituídos são represados.

Pêcheux (1990, p.17 /19) fala sobre a função do porta-voz<sup>15</sup>, o autor afirma que:

[...] o efeito que ele exerce falando “em nome de...” é antes de tudo um efeito visual, [...] o porta-voz se expõe ao olhar do poder que ele afronta, falando em nome daqueles que ele representa, e sob seu olhar [...] como se todos esses enunciados sem locutor, esses relatos geradores de acontecimentos sem porta-vozes, esses efeitos discursivos que trabalham nas margens, sem enunciador legítimo incomodassem a ordem revolucionário.

O site seria o "porta-voz" de discursos circulantes, assim como o jornal impresso é o porta-voz do discurso do governo ao qual se vincula, por exemplo. O sujeito ficaria nas bordas da linguagem, apagado pela diluição do sentido que é efeito dessa repetição. O sujeito em silêncio é algo que incomoda num lugar onde a fala é a marca da significação.

Orlandi (2010) nos mostra o modo como o silêncio é concebido nessa sociedade da informação:

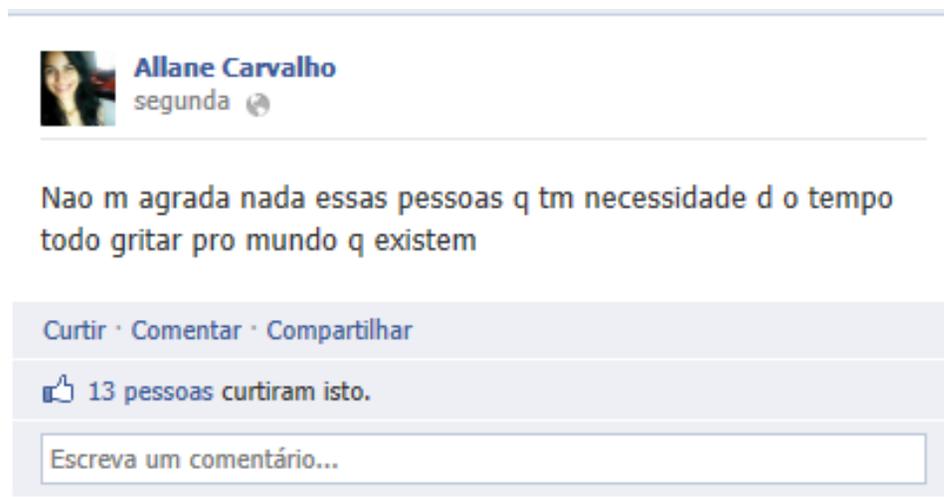
Para nosso contexto histórico-social um homem em silêncio é um homem sem sentido. Então, o homem abre mão do risco da significação, da sua ameaça e se preenche: fala. Atulha o espaço de sons e cria a idéia de silêncio como vazio, como falta. Ao negar sua relação fundamental com o silêncio, ele apaga uma das meditações que lhe são básicas. (2010, p.34 e 35)

O silêncio não é vazio, pelo contrário, ele é pleno, pleno de sentido. Ao pensar que ele é vazio o homem fala, para não ficar no vazio, e é ao falar em excesso que ele esvazia a plenitude do silêncio. É uma contradição e é nessa contradição que o sujeito se constitui. Sintomático de uma sociedade na qual o que está latente são ruídos, o estrondo da comunicação não nos deixa

---

<sup>15</sup> “ A representação do povo como locutor (discurso relatado está ausente ), e a possibilidade que o povo ocupe um lugar de orador está excluída, pois anularia a função de porta-voz” (p.18)

ouvir o conhecimento (que se produz num tempo de reflexão), que fica cada vez mais silenciado (esvaziado) e cria a ilusão de que para significar é preciso falar constantemente.



Talvez depois do golpe da ditadura militar, tenhamos levado um golpe “militar” simbólico, onde o que ocorre não é mais a ditadura da carne enquanto censura e silenciamento dos corpos, mas uma ditadura da fala. A antes sociedade “muda” é hoje a sociedade do tagarelar, do excesso. Não se pune mais os corpos, mas se captura a injunção do significar no mundo. Vejamos o recorte abaixo:



Temos neste recorte, um elemento que nos permite colocar em questão a eficácia da comunicação baseada na emissão e recepção da mensagem. Se, conforme Jakobson (2003), a função da linguagem é comunicar, tomando o emissor, receptor, código, referente, a postagem acima desestabiliza essa noção de linguagem como servindo para comunicar, já que não há a presença do " interlocutor real " na concepção do autor, há apenas um interlocutor imaginário, assim, a “comunicação”, no sentido de Jakobson, não ocorre.

Sabemos que essa questão da "ausência" de um "interlocutor real" no twitter também é discutida em outras correntes que questionam a existência do interlocutor no site. De fato, há uma dicotomia, visto que, os usuários confidenciam sua vida, publicam notícias, divagam sobre a ciência para 'todos' os seus seguidores e ao mesmo tempo para 'ninguém', o site traz um outro tipo de comunicação, já anunciada há muito tempo, em outras condições de produção, pela análise do discurso.

Nesses termos, que essas mudanças alteram a constituição do sujeito e o modo de circulação da ciência já sabemos, mas que outra relação é tecida? É o que pretendemos investigar, visto que, na perspectiva discursiva a linguagem é feita para comunicar e não-comunicar também.

Segundo Pêcheux (1988, p.300):

[...] “o sentido” é produzido no “non-sens” pelo deslizamento sem origem do significante, de onde a instauração do primado da metáfora sobre o sentido, mas é indispensável acrescentar imediatamente que *esse deslizamento não desaparece sem deixar traços no sujeito-ego da “forma-sujeito”* ideológica, identificada com a evidência de um sentido. Aprender até seu limite máximo a interpelação como ritual supõe reconhecer que não há ritual sem falhas; enfraquecimento e brechas, “uma palavra por outra” é a definição da metáfora, mas é também o ponto em que esse ritual se estilhaça no lapso.

Na afirmação acima Pêcheux, nos explicita sobre o funcionamento do "no-sens", o não-sentido o que nos auxilia a pensar no deslizamento da linguagem. No entanto, é preciso ressaltar que o “vazio” descrito no recorte anterior não se refere ao não-sentido, mas sim ao sem-sentido, que é completamente diferente, visto que no sem-sentido ocorre um desgaste do sentido, que dilui e não chega a produzir significação, o sujeito da postagem se dá conta que está no SEM-SENTIDO, já significou e não significa mais.

Para Orlandi(2010) , Há faltas e não falhas de tal modo que eles não fazem sentido, colocando fora do discurso o que poderia ser significado a partir deles do esquecimento produzido por eles, para que novos sentidos aí significassem. Há assim, “furos”, “buracos” na memória, que são

lugares, não em que o sentido se cava, mas ao contrário, em que o sentido falta por interdição.(2010, p.65)

Manoel de Barros em seu poema *Ninguém* elucida como a palavra carrega sentidos que transcendem sua representação, o autor mostra que o *Ninguém* se configura não numa relação dicotômica de tudo ou nada/ todos e ninguém, mas numa relação de coexistência. Segundo ele é necessário esvaziar a palavra de sentido “[...] escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma. Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bígrafos.” (BARROS, 2003).

*Falar a partir de ninguém  
faz comunhão  
com as árvores  
Faz comunhão com as aves  
Faz comunhão com as chuvas  
Falar a partir de ninguém faz comunhão com os rios, com os ventos, com  
o sol, com os sapos  
Falar a partir de ninguém  
Faz comunhão com borra  
Faz comunhão com os seres que incidem por andrajos  
Falar a partir de ninguém  
Ensina a ver o sexo das nuvens  
E ensina o sentido sonoro das palavras  
Falar a partir de ninguém  
Faz comunhão com o começo do verbo*

Manoel de Barros 2007, “Ninguém” em “**Ensaio Fotográfico**”

Para além que já foi dito, *Ninguém* pode significar um corpo social que é engolido pelo excesso da informação, o estrondo da comunicação nos coloca em outro lugar, do não ouvir nada e ninguém, o estrondo ensurdece, o que para o poeta não se trata de uma configuração vazia, de uma comunicação sem eco, pelo contrário, podemos olhar o excesso como uma necessidade de inversão, de esvaziamento.

Eu queria construir uma ruína. Embora eu saiba que ruína é uma desconstrução. Minha ideia era fazer alguma coisa do jeito de tapera. Alguma coisa que servisse para abrigar o abandono, como as taperas abrigam. [...] O abandono pode ser também de uma expressão que tenha entrado para o arcaico ou mesmo de uma palavra. Uma palavra que esteja sem ninguém dentro. [...] Queria construir uma ruína para a palavra

amor. Talvez ela renascesse das ruínas, como o lírio pode nascer de um monturo (BARROS, 2004).

O autor ao afirmar a necessidade de "alguma coisa que abrigue o abandono", percebe que as palavras estão carregadas de sentido e produzir às palavras um sentido novo, original faz parte da ilusão constitutiva do sujeito. É por essa razão que o poeta Manoel de Barros faz referência a "uma palavra que esteja sem ninguém dentro", ou seja, uma palavra que já não tenha um sentido pré-construído, que não se aprisione nas representações lógicas, de "levar demasiadamente a sério a ilusão de um ego-sujeito-pleno em que nada falha" (PÊCHEUX, 1988 p.300).

Assim, quando o sentido das palavras está saturado é o acontecimento que dá a elas outra direção de sentido, onde elas encontram novamente, primeiro, o silêncio como forma de ser, e, depois, o dizer como forma de estar em circulação. Em nossa pesquisa, esse acontecimento que dá outro rumo às palavras saturadas são as redes sociais e as formas de relação e constituição do sujeito que elas engendram.

[..] não entender ou entender errado; não "escutar" as ordens; não repetir as litâneas ou repeti-las de modo errôneo, falar quando exige silêncio; falar sua língua como língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras da sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras... E assim começar a se despedir do sentido que se reproduz o discurso da dominação, de modo que o irrealizado advenha formando sentido do interior do sem-sentido (Pêcheux 1990, p.17).



Um forte traço do twitter é a aparente força política e exercício do poder de contestação. Há vários exemplos de acontecimentos polêmicos que são incentivados através do twitter. Essas manifestações chamadas de ativismo digital já ocorriam em todo ciberespaço, graças às transposições geográficas, temporais e agilidade na troca de informações, que em contrapartida provocam o mito da acessibilidade infinita. No twitter, esses movimentos ganham apenas novas configurações temporais, o que se deve ao fato das postagens serem recebidas em tempo real.

O autor Denis Moraes em seu artigo publicado sobre Ativismo Digital fala sobre a cibermilitância na internet:

No ciberespaço, as ONGs credenciam-se a produzir manifestações em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estarem presas a um lugar ou tempo em particular. Nessa perspectiva, as ONGs virtuais compõem redes de organismos independentes ligados por aparatos tecnológicos, com o objetivo de repartirem competências, recursos, custos e espaços. Com a migração para a Web, as entidades aderem à comunicação em tempo real, sem centros fixos de enunciação. A cada nó, incorporam-se novos usuários, os quais se convertem, potencialmente, em produtores e emissores de informações, em condições de serem consumidas a todo instante (MORAES, 2001).

É o caso das manifestações ocorridas em janeiro de 2011 para derrubar o ditador do Egito Hosni Mubarak, incentivada pelo ex-executivo do Google no Egito, Wael Ghonim. O protesto que iniciou no site e no facebook, ganhou as ruas do Egito e durante 18 dias de manifestação conseguiu repercussão internacional e apoio de vários países, o que “pressionou” o ditador a renunciar o cargo após trinta anos no poder.



Em muitos momentos o site aparece como a tão esperada fuga da “sociedade de controle”, pois provoca a ilusão da liberdade, mas casos como de Mayra Petrusco<sup>16</sup> nos mostra que o twitter silencia muitos processos ideológicos que se materializam através da punição do falar, como ocorreu com o próprio Wael Ghonim , preso pela polícia secreta egípcia acusado de ser um dos principais promotores da revolta no Egito que se iniciou na internet<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup>Foi condenada 1 ano, 5 meses e 15 dias de reclusão por mensagem preconceituosa e de incitação à violência contra nordestinos em sua página no Twitter.

<sup>17</sup><http://thmari.blogspot.com/2011/04/mundo-arabe-em-convulsao.html>

Outro exemplo é o caso do ex-diretor comercial da empresa Locaweb, Alex Glikas, que foi demitido ao postar, durante o jogo entre São Paulo e Corinthians, frases consideradas ofensivas aos jogadores do São Paulo futebol clube. A empresa Locaweb havia acabado de fechar contrato de patrocínio com o time paulista e considerou inadequada a atitude do diretor.

Veja seu perfil, que atualmente foi excluído do site:



Esse modo de exercício do poder pela circulação do saber, da informação, da “liberdade” de opinião é observado de vários modos no site. Segundo Orlandi (2008, p.158), “no estado capitalista, o poder administrativo se articula ao poder-saber, [...] à distribuição e circulação do saber enquanto uma forma de poder distribuído na sociedade e na história”.

Vejamos as postagens abaixo:

**josemurilo** Jose Murilo

"Se o gov derruba a internet, derrubamos o gov!!". Acompanhe a revolução no Egito em tempo real no @guardian:

[Http://gu.com/p/2myzn](http://gu.com/p/2myzn) #jan25

28 Jan

**emirsader** Emir Sader

Sabendo que o Brasil não tinha apoiada a decisão do Conselho de Segurança, foi uma grosseria Obama ter ordenado o ataque contra a Líbia aqui.

9 minutes ago

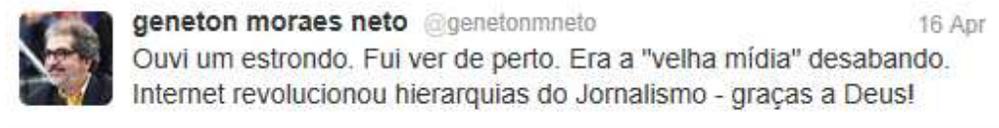
**ildismedeiros** Ildisnei Medeiros

boa noite pra vc q usa a ferramenta do séc. XXI que serviu como ponto de partida para derrubar um ditador no Egito. =)

9 hours ago

Que tipo de poder circula na rede? Quais são as formas que o poder assume nesse 'tempo real' das informações, que atravessam pela velocidade das redes, todos os continentes? Que efeitos o 'em tempo real' tem na vida e na constituição do sujeito-militante in vitro? Seria o "em tempo real", por ele mesmo, uma das formas de poder da contemporaneidade? Denis Moraes(2010), nos auxilia nesta reflexão ressaltando que essas manifestações, muitas vezes, resultam em operações práticas:

As vozes que se somam no ciberespaço representam grupos identificados com causas e compromettimentos comuns, a partir da diversidade de campos de interesse (educação, saúde, direitos humanos e trabalhistas, cidadania, minorias e etnias, meio ambiente, ecologia, desenvolvimento sustentável, defesa do consumidor, cooperativismo, habitação, economia popular, reforma agrária, Aids, sexualidade, crianças e adolescentes, religiões, combate à fome, emprego, comunicação e informação, arte e cultura), de metodologias de atuação (movimentos autônomos ou redes), de horizontes estratégicos (curto, médio e longo prazos) e de raios de abrangência (internacional, nacional, regional ou local). Essas variáveis, muitas vezes, entrelaçam-se, fazendo convergir formas operativas e atividades. (Denis Moraes)<sup>18</sup>



---

<sup>18</sup> <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html>

## Malha Digital<sup>19</sup>



Remedios Varo: Tres destinos 1956

---

<sup>19</sup> Termo cunhado por Lucília Romão(2010)

*Insiste-se em imagens menos como representação do tempo linear e contínuo, e mais na potência do instante do acontecimento, tempo vivo da experiência criativa. A criação com imagem como abertura uma experiência outra, como vida outra, e neste deslocamento, cria-se outro tempo, no sentido de uma autotemporalização da imagem (BUCI-GLUCKSMANN, 2007, p. 75), um tempo que subsiste nela e conecta-se de maneiras múltiplas ao tempo da vida. A própria imagem, desligada da sua função de representar o tempo linear (o passado) e o mundo, torna-se pensamento, promovendo um instante de suspensão na direção ao que já não se deixa pensar no pensamento ou ver na visão. A abertura a este mundo-imagem que não se faz como fixação do movimento da vida seria uma forma de criar e pensar no interior de uma vertigem. No desejo da arte de dar forma à vida, aceitar o informe. Vibrar na vertigem da forma. Alik Wunder*



- Pai, como é que eu nasci? - Muito bem, tínhamos que ter esta conversa um dia... O que aconteceu foi o seguinte: Eu e sua mãe nos conhecemos num Chat desses da Net, que existem para se trocar ideias. O papai marcou uma interface com a mamãe num Cybercafé e acabamos plugados no banheiro dele. A seguir, a mamãe fez uns Downloads no Memory Stick do papai e quando estava tudo pronto para a transferência de arquivos, descobrimos que não havia qualquer tipo de Firewall conosco. Como era tarde demais para dar o ESC, papai acabou fazendo o Upload de qualquer jeito com a mamãe, e nove meses depois o Vírus apareceu e se instalou em casa...

A expressão carne e metal foi inspirada no livro *Chair et métal* de Ollivier Dyens(2000), o autor desenvolve um percurso sobre a relação do corpo com a tecnologia, nos questionando sobre a plasticidade do corpo na atualidade.

A tecnologia sempre esteve presente na história da humanidade, e nos auxilia nas modificações do cenário social. Cada era é marcada por algum tipo de tecnologia a escrita, agrícola, industrial, digital etc, que direciona o nicho econômico e paulatinamente se cria ou reconfigura .

Através da convergência tecnológica temos acesso a banco de dados, arquivos digitais, troca de comunicação utilizando uma só ferramenta disponibilizada em diversos tipos de aparelhos eletrônicos multifuncionais, que se interconectam tecendo a “malha digital” (Romão,2010),formando uma teia digital e uma teia entre objetos. Essa teia estabelece ainda uma rede de sentidos entre pessoas/pessoas, objetos/objetos e pessoas e objetos.

E nesse tear de silício, cada vez mais, intensificamos de outro modo nossa relação com o “tecnológico”, havendo uma “preocupação social”, exemplificada em livros, obras de artes e filmes, em relação a uma mutação metálica trazida pela figura do ciborgue, que representaria um suposto “excesso” de eletrônico no humano. O ciborgue significaria aqui, não apenas a figura do Androide retratado pela ficção científica, mas também toda relação possível que se estabelece entre o homem e a máquina, quando parece sutil a fronteira de existência entre eles.

Um exemplo dessa “preocupação” social é trazida por Étienne Barral (2000), em seu livro *Otaku: os filhos do virtual*, no qual a autora, por meio de uma reportagem investigativa, relata histórias de otakus, um fenômeno que ocorreu no início dos anos 80, no Japão, mas que continua presente atualmente.

Apesar de otaku se diferenciar bastante do termo ciborgue, os otakus são anunciados pela autora como os “primeiros ancestrais de *Homo virtuens*”, e representariam uma nova espécie de ser humano, que segundo Barral (2000, p.21) “carrega todos os estigmas da mutação midiática”

A autora afirma que,

O *Homo virtuens* vive por procuração, reivindica o direito de sonhar acordado. Melhor ainda vive seus sonhos. Esse homem virtual, fascinado, não como Narciso por seu reflexo na água, porém, pela imagem de si próprio que lhe enviada pela tela de seu computador, não nascerá de um proveta, mas dos circuitos integrados de um computador multimídia. (Barral, 2000, p.21)

*Depois de um dia inteiro passado diante da minha tela de vídeo games, à noite eu sonhava que fazia amor com meu computador. Nu diante da máquina, eu envolvia em meus braços, acariciando sua tela lisa e fria como se acariciasse a pele de uma mulher. Depois, com meus dedos, entreabria delicadamente a fenda do leitor e penetrava com meu pênis. Lá dentro estava quente a ponto de queimar. Quando mexia nela, ela gemia docemente. Os circuitos eletrônicos penetravam no meu sexo e me excitavam. As memórias ROM, como os espetos, furavam meu membro. Pouco a pouco, enquanto continuava a movimentar os quadris, meus músculos, meu sangue, os fios de cobre, os microprocessadores, o motor e o plástico se fundiam em um, e eu me aproximava do êxtase. Despertava, então, em estado de intensa excitação.*

*Acontece também deu eu sonhar que um refrigerador me suga ou que um carro sobe em cima de mim. No início, tinha vergonha de meus sonhos estranhos, mas conversando com colegas percebi que quase todos os gamers tinham experimentado o mesmo tipo de sonho.*

*De fato, não é muito diferente dos sonhos em que se viola a mãe ou a irmã, ou daqueles em que se mata o pai. No fundo de nosso inconsciente acham-se nossos desejos mais secretos, e para nós, em constante relação com os computadores, é normal que eles alimentem nossas fantasias. Estou persuadido de que, em um futuro próximo, os homens e as máquinas serão ligados por uma relação particular e intensa. Talvez por isso já sejamos tão atraídos pelos jogos de computador.*

A descrição do sonho pertence a um relato de experiência de um Otaku, retirado do livro *Otaku: os filhos do virtual*, de Étienne Barral. O Otaku, de modo curioso exemplifica a maneira como a máquina o afeta. Há um deslocamento de sua relação com o computador na medida em

que o “objeto” eletrônico passa a despertar seu desejo, algo intenso, coberto por uma afetividade outra, que desencadeia o ato sexual.

O Otaku não só sente prazer com a máquina como a compara em sua descrição com características e ações humanas: *Nu diante da máquina, eu envolvia em meus braços, acariciando sua tela lisa e fria como se acariciasse a pele de uma mulher.(.) Quando mexia nela, ela gemia docemente.* O ato sexual seria o ápice de sua relação com a máquina, o sujeito constituindo e constituído pelo eletrônico, o que produz o efeito de apagamento da fronteira do corpo, homem/máquina  $\infty$  corpo metálico... “um só corpo, um só espírito”... *Pouco a pouco, enquanto continuava a movimentar os quadris, meus músculos, meu sangue, os fios de cobre, os microprocessadores, o motor e o plástico se fundiam em um, e eu me aproximava do êxtase. Despertava, então, em estado de intensa excitação.*

O autor desse relato ao dar continuidade ao seu depoimento ressalta que, antes sentia vergonha de seus sonhos, mas depois descobriu que era comum e a maioria de seus amigos compartilhavam de uma experiência parecida: *Estou persuadido de que, em um futuro próximo, os homens e as máquinas serão ligados por uma relação particular e intensa.*

A forte presença do eletrônico no humano foi também tema da 5ª edição da **Bienal de Arte e Tecnologia: Emoção Art.ficial 5.0**, realizada em São Paulo no Itaú Cultural, do dia 5 de julho a 5 de setembro de 2010. A exposição nos mostra a interação do humano com a máquina, norteadas por um sub-tema bem sugestivo: *Autonomia Cibernética*, que lança o desafio de se relacionar de maneira afetiva com o eletrônico, entre robôs lutadores, desenhistas, dançarinos. O que chama a atenção é a interação que existe entre a máquina e o humano, robôs que captam sensações, acendem e apagam, falam (emitem sons) e silenciam induzidos pela sua presença. É quase uma troca de experiências entre o homem e o “humanóide”.

A bienal, segundo os organizadores, foi norteadas pela noção de autonomia cibernética, “pela evolução de regras e padrões derivados dos comportamentos emergentes das próprias máquinas. Grosso modo, é como se as máquinas percebessem que seu próprio comportamento leva a

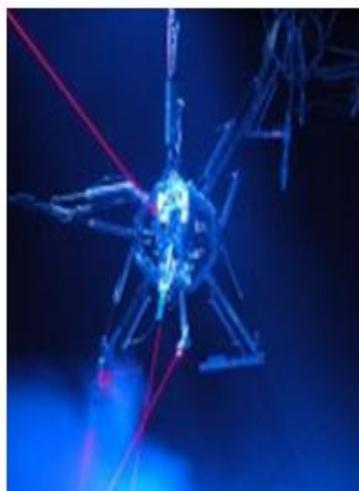
coisas vantajosas ou prejudiciais aos seus objetivos. Com isso, podem mudar de ideia e agir como se tivessem “personalidade”<sup>20</sup>.

O termo utilizado para designar a exposição nos inquieta. Pensemos então até que ponto a máquina possui tal autonomia? O que pode uma máquina autônoma? Teria o robô uma personalidade? Dias(2012) ao desenvolver uma análise sobre o corpo: da potência à fragilidade do sujeito nos questiona *se estaríamos cada vez mais mergulhados na era da super-máquina: a internet e cada vez mais distante do “super-homem” nietzscheano?*

A autora ressalta que *para Nietzsche, o super homem é além do homem; é a possibilidade de encarar a existência da vida sem as próteses e sem os consolos de que o homem careceu até aqui para suportar a existência. (Dias:2012,41/42)*

Nesse sentido, compreendemos as novas tecnologias para além de mero instrumento tecnológico, a medida que elas significam e diferenciam a relação do sujeito com a linguagem e com o mundo, visto que toda tecnologia não é só um meio de difusão de significados. Ela é significação. E como toda significação, tem seu processo.

As imagens abaixo correspondem aos robôs artrópodes que se movimentam de forma orgânica e brusca e reagem, por meio de sensores, aos movimentos do público.

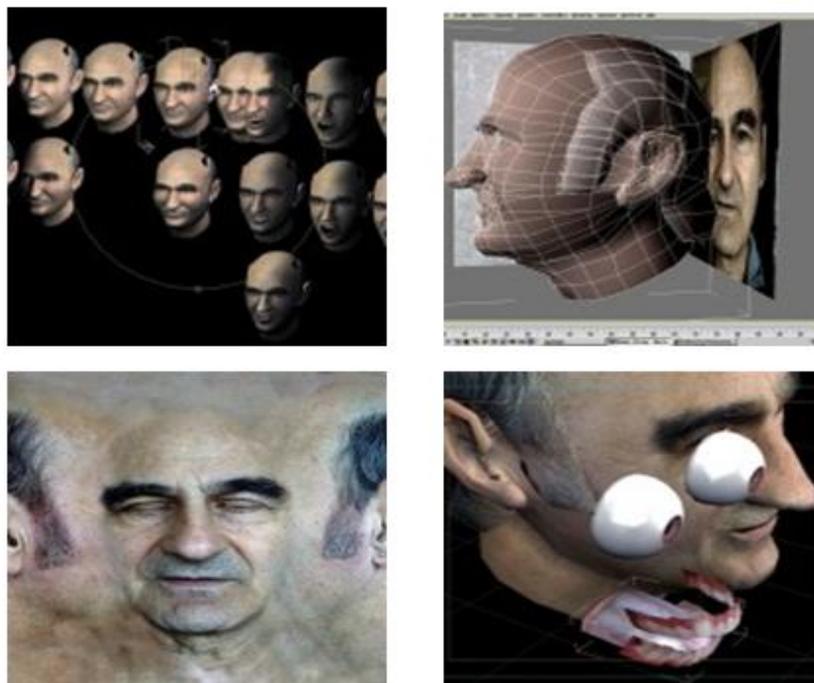


---

<sup>20</sup> <http://www.emocaoartificial.org.br/pt>

De acordo com o site<sup>21</sup>, o objetivo da obra é induzir a empatia do expectador a entidades robóticas, que de fato são mais do que um punhado de estruturas metálicas.

O idealizador desse projeto é **Bill Vorn**, que se dedica à arte robótica desde 1992. Professor titular na Universidade de Concórdia, Canadá – onde leciona arte eletrônica –, é responsável pelo laboratório de pesquisa de criação de arte robótica (Alab) do Instituto Hexagrama, também no Canadá.



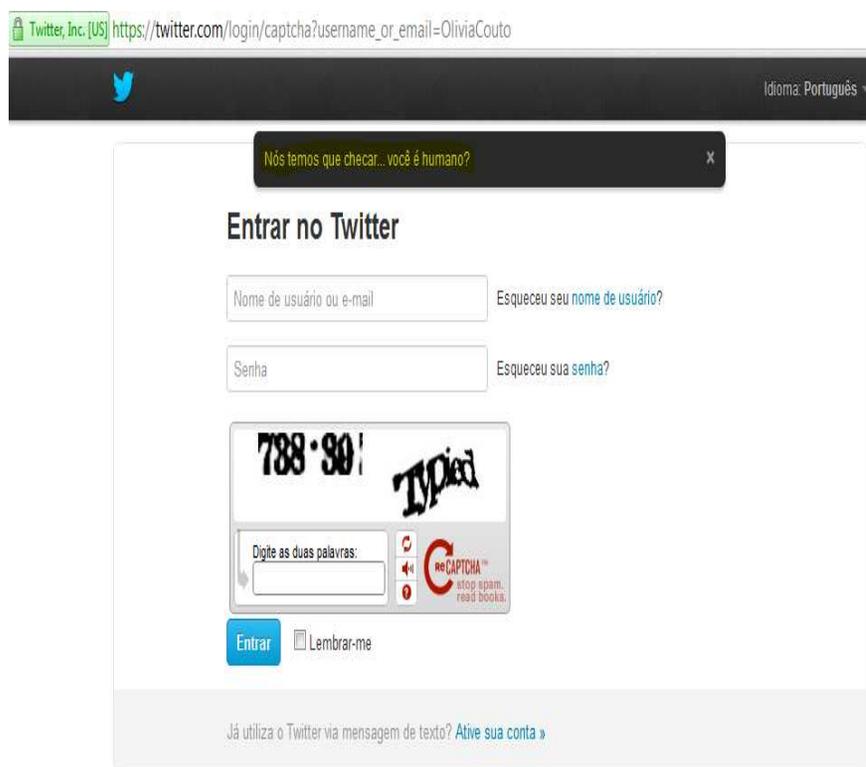
Essas imagens representam o rosto de Stelarc<sup>22</sup> digitalizado, o “boneco” conversa com os visitantes em inglês, uma espécie de “oráculo”, que responde diversos tipos de perguntas e tenta estabelecer um diálogo com seu interlocutor, suas respostas são programadas por um software baseado no mecanismo de A.L.I.C.E. (Artificial Linguistic Internet Computer Entity).

---

<sup>21</sup> <http://www.emocaoartificial.org.br/pt/tag/interacao-com-o-publico/>

<sup>22</sup> Chefe de departamento de arte performática na Universidade de Brunel, Inglaterra, é pesquisador sênior convidado da Universidade de Western Sidney, Austrália.

Segundo o site, *O objetivo da obra é demonstrar que, com o advento de novas tecnologias, a diferença entre humanos e máquinas não é mais um problema de identidade, mas de interface.* Esse modo de olhar a tecnologia como interface é exemplificado por Héctor Navarro (2010) professor da Universidade de Vic. Segundo o autor, *as interfaces cada vez mais, serão corporais, repletas de sensações, todos os sentidos poderão ser recriados tecnologicamente.* Navarro afirma ainda que os suportes técnicos serão um prolongamento do nosso corpo. Para Sylvan Auroux (2001, p.18), todo contato com a tecnologia produz o efeito de extensão, do mesmo modo que o “martelo prolonga o gesto da mão”. (AUROUX, 2001, p.69). Segundo ele, a própria escrita potencializou a relação do corpo com as artes da linguagem. No entanto, é interessante ressaltar que há uma diferença que está no fato de que a tecnologia digital estende o corpo num processo de reduplicação desse corpo, criando um corpo outro, virtualizado.



Nesse sentido, pensar na tecnologia como prolongamento do corpo é algo que nos afeta, traçar esse percurso histórico das escritas em papiro, que exigiam do escritor um movimento de rolagem e um outro gesto de leitura, até a tecnologia atual do *touch screen*, por exemplo, que está

cada vez mais presente em nosso cotidiano, em bancos, jogos como Nintendo wii e outros, nos parece produtivo para compreendermos a sociedade e a cultura contemporâneas.

Tatear a tela muda nossa relação com o mundo, que se constitui cada vez mais num jogo de interface, sentimos a necessidade de abrir e-mail a cada minuto, de se dizer/criar/experienciar no digital, por meio dos sites de relacionamento, o tempo todo, uma relação de valor que atravessa a margem dos sentidos físicos, seria o digital o sétimo sentido?

Apesar de essa questão ser “sedutora”, sabemos que o digital produz esse efeito de novos sentidos corporais, algo sintomático na sociedade atual, que busca recriar sensações que já são corporais, como tato, olfato, paladar.

De que modo então, podemos visualizar essa necessidade de se experienciar no ciberespaço? Como se configura uma plasticidade corporal?

Segundo Güerre (2011, p. 11) “La conjunción entre interactivo, estático, sonoro y táctil crea una experiencia que recuerda casi cualquiera experiencia carnal (Es paradójico: estamos obsesionados en recrear artificialmente nuestra corporeidad).”

Tatuamos o digital, num corpo que já me parece metálico, nessa inscrição procuramos reinventar sentidos que parecem já existir no atual de outro modo. O que muda então na constituição desse sujeito no ciberepaço? O que pode esse corpo metálico? Tais questões nos são recorrentes e nos capturam para lugares de reflexão.

Dias (2011, p. 03) afirma que:

essa tensão entre simulacro e simulação, entre o que a tela mostra e que seduz o sujeito e, por outro lado, com as possibilidades de aperfeiçoamento daquilo que nos é dado a ver que, pela escritura, o sujeito “retoca” sem parar, seja o seu texto, seja o seu avatar. O sujeito que trabalha, navega, não é/está mais diante da máquina, ele é/está nela. Estamos tratando aí da substituição do sujeito por um autômato programado que cede lugar àquele que o substitui por uma mestiçagem homem/máquina.

A autora nos desafia ainda, com outros questionamentos: “como fica a inscrição do sentido? Qual seria o sentido de um corpo idealizado, construído e transparente de um lado, e, de outro lado, um corpo de carne, denso e opaco? O corpo sai do mundo dos átomos e entra no mundo do bit.” (DIAS, 2011, p.09)

Essa inscrição metálica também é sintoma de uma sociedade cada vez mais digitalizada, tanto no urbano quanto no biológico. A própria noção de subjetividade está tecnologizada, com o avanço tecnológico, especificamente com as biotecnologias, podemos mapear familiares, raça, gene, nossos “medos”, imbuídos num objetivo quase missionário de evolução, uma busca incansável do “bem social”, de uma vida mais prolongada e saudável. Decodificamos nosso humano para representá-lo em imagens, tabelas, gráficos e criar antídotos para nossos sofrimentos, antes que eles apareçam já estamos vacinados.

Tal situação nos convoca a pensarmos no atravessamento histórico do que se entende como corpo na atualidade. É possível “representar” corporeidade? O objetivo parece ser esse, mas o que ocorre é muito mais do que representação, há um presente seguido de um corpo representável, no entanto o corpo é inapreensível na sua perfeição, existe o real, o corpo que poderia tudo, não pode!

Um exemplo dessa criação de antídotos para o sofrimento é o caso da cantora Rita Lee que para se precaver de um câncer, removeu os seios. A decisão surgiu pelo risco genético de contrair a doença, sua mãe teve câncer no seio bem como sua avó materna, a cantora afirma que preferiu se mutilar a contrair a doença, declarou em uma entrevista cedida à Istoé, que preferia ficar sem seios a ficar paranoica.<sup>23</sup>

O motivo da paranoia da cantora se relaciona também com o atravessamento histórico dito anteriormente, o sentido instituído historicamente sobre a palavra câncer e toda dor que essa doença já casou na família.

Segundo Régine Robin (1997. p.83.) o que ocorre é uma “medicalização do existencial”, a autora afirma que tal método busca a “transformação da alma”, se referindo a medicamentos para controles de oscilações emocionais como, por exemplo, rivotril e ansiolíticos. Robin nos mostra que a utilização dessas novas práticas de tratamento ocasiona o que a autora chama de “sistema de arquivamento” da auto-imagem, no qual o desejo do indivíduo é silenciado, apagado pela fantasia simbólica, que dilui a linha do impossível, causando a ilusão de completude.

---

23

[http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/100144\\_PREFIRO+FICAR+SEM+PEITOS+A+FICAR+PARANOICA+](http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/100144_PREFIRO+FICAR+SEM+PEITOS+A+FICAR+PARANOICA+)

Dias (2011, p.04) ressalta, baseada nas afirmações de Robin (1997, p. 82-83) sobre “medicalização do existencial”, “contratualização do corpo”, “contradição entre corpo real e corpo desejado” (não um corpo que deseja), que “o real é tratado como se desprezasse sua dimensão de impossível”, fragilizando o eu.

Breton (2003, p.63) diz que:

A programação farmacológica de si estende os poderes do homem sobre seu universo comum. Os psicotrópicos se oferecem como auxiliares técnicos de existência, modulando o ângulo de abordagem do cotidiano, estabelecendo uma fantasia de domínio de si diante da turbulência do mundo, concorrendo para a ciborguização do indivíduo, para eliminação de fronteiras entre o que depende de nós em um comportamento e o que cabe a uma técnica exterior.

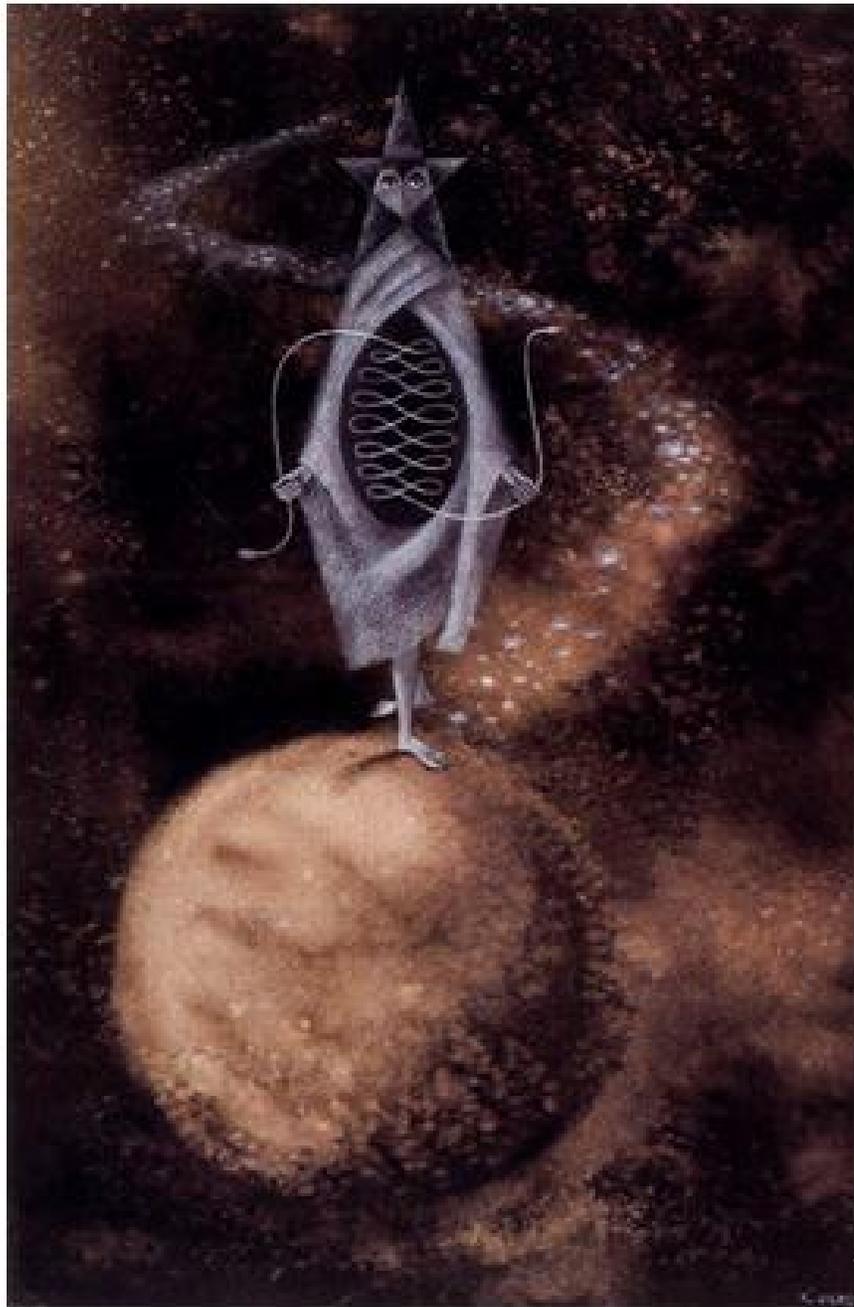
Esses novos modos de medicalização nos fazem repensar a noção de humano, homem/célula, homem/máquina, onde começa e termina a vida para a ciência? De que modo essas questões ressoam para o sujeito, o que muda na constituição da subjetividade?

Ainda segundo Dias (2011, p. 6), “pensar que o corpo entra numa outra lógica, a da circulação, da virtualidade, do simulacro e da simulação é um caminho promissor para compreendermos os sentidos que vem sendo produzidos para o corpo a partir do desenvolvimento das novas tecnologias.”

Segundo a pesquisadora, os desdobramentos das novas redes de sentidos permitem que se construa “novas imagens do mundo e do conhecimento científico [...] uma mudança que se refere ao sentido do conhecimento” (DIAS, 2005, p.42) de si e do mundo.

Para Serres (2004, p.129)

Essa vertigem corporal, [...] nós a experimentamos a cada entrada em um mundo que nos desorienta e a cada encontro com uma nova e inesperada lógica que aparentemente interpreta às avessas nossas atitudes, mas que, no entanto, descobre e perpetua os *habitus* complexos do corpo. A embriaguez real do conhecimento e da inteligência, a felicidade mística da descoberta inventiva, seguem as alegrias da bicicleta e do balanço, dos planadores e dos cabelos ao vento na praia antes do sobe desce e do vaivém do encontro dos amantes.



Remedios Varo: O relógio dos outros, 1957

---

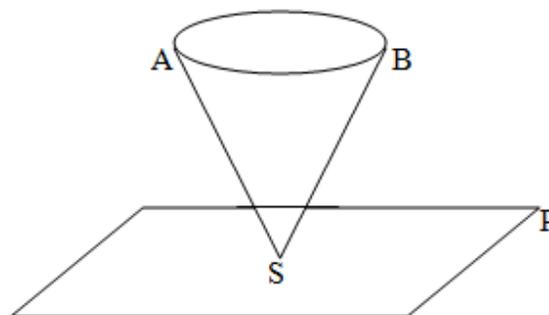


**OliviaCouto** Olivia  
Cem anos de atualização: a memória de silício  
☆ Favorite ↩ Reply 🗑 Delete

Quando falamos em virtual não nos referimos apenas ao eletrônico, digital metalizado, mas ao virtual como forma de existencialidade que está presentificada. Pierre Lévy (2001), autor que construiu uma reflexão em torno da cibercultura tendo como base de sua reflexão filósofos como Gilles Deleuze (1988), esclarece que o virtual é o que pode vir a ser. Lévy o define, “como um complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer e que chama um processo de resolução: a atualização.” O autor (2001, p.16) não opõe o virtual ao real, mas ao atual.

Segundo Deleuze (1998, p.173) “toda multiplicidade implica elementos atuais e elementos virtuais. Não há objeto puramente atual. Todo atual se envolve de uma névoa de imagens virtuais.” É aí que para nós interessa sua reflexão, pois se o movimento de significação se dá entre uma repetição e uma diferença, entre um vir a ser, o virtual, e uma realidade, a saber, o atual, o real é o lugar da significação, ou seja, aquilo que escapa, mas que significa na materialidade da língua. Deleuze se associa ao pensamento de Bergson para desenvolver sua reflexão sobre virtual.

Segundo Bergson (1990, p.125) toda memória é um cone virtual do presente, ilustrado da seguinte maneira:



“Se eu representar por um cone SAB a totalidade das lembranças acumuladas em minha memória, a base AB, assentada no passado, permanece imóvel, enquanto o vértice S, que se figura a todo momento meu presente, avança sem cessar também toca o plano móvel P de minha representação atual do universo. Em S concentra-se a imagem do corpo; e, fazendo parte do plano P, essa imagem limita-se a receber e devolver as ações emanadas de todas as imagens de que se compõe o plano.”  
Bergson (1999, p.177 e 178)

O cone representaria, de modo ilustrativo, a memória no estado virtual, é na singularidade(S), onde o cone toca o real, que o virtual se atualiza, e essa passagem do virtual para o atual é um momento de criação, no qual o passado revisita o presente e ressignifica-se. É por se recriar que o virtual se diferencia do possível, que não passa por esse processo de criação.

Essa recriação é vivida pela lembrança, que se presentifica nos objetos e coisas, do narrador personagem de Marcel Proust (2003) no romance “Em busca do tempo perdido”:

Mas no mesmo instante em que esse gole, misturado com os farelos do biscoito, tocou meu paladar, estremeci, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem a noção de sua causa. Rapidamente se me tornaram indiferentes as vicissitudes da minha vida, inofensivos os seus desastres, ilusória a sua brevidade, da mesma forma como opera o amor, enchendo-me de uma essência preciosa; ou antes, essa essência não estava em mim, ela era eu. Já não me sentia medíocre, contingente, mortal. De onde poderia ter vindo essa alegria poderosa? Sentia que estava ligada ao gosto do chá e do biscoito, mas ultrapassava-o infinitivamente, não deveria ser da mesma espécie. De onde vinha? Que significaria? Onde apreendê-la? [...]E de súbito a lembrança me apareceu. Aquele gosto era o do pedacinho de madeleine que minha tia Léonie me dava aos domingos pela manhã em Combray[...] Proust(2003, p.28 e 29)

Combray era a cidade onde o personagem viveu sua infância, a mistura do chá com o biscoito resgatou fortes recordações, sensações, sentimentos, delícias e dores, coisas, pessoas, objetos, cheiros e sabores, que puderam ser revividas, experienciadas, pela atualização da lembrança, como uma recriação do passado na potência física do presente.

[...] o aroma e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, chamando-se, ouvindo, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, levando sem se submeterem, sobre suas gotículas quase impalpáveis, o imenso edifício das recordações. (Proust, 2003, p. 29)

A recordação é a imagem virtual presentificada no objeto atual, onde, por vezes os termos se misturam “[...] como em um espelho que se apodera do personagem, tragando-o, e deixa para ele, por sua vez, apenas uma virtualidade. [...] Já não é uma singularização, e sim uma individuação [...]”, na qual as designações se entrelaçam e coexistem. (DELEUZE & PARNET: 1998 p.177 e178)

Dias(2004, p.80) afirma que “ esse retorno se dá pela/na relação de sentidos entre dizeres, que só é possível enquanto produto de uma memória discursiva a partir da qual o sujeito vai construir sentidos outros”.

As reflexões de memória trazidas pela literatura e filosofia nos auxiliam a pensar o modo de funcionamento dessa memória na internet. Essa memória que escapa, dilui e ao mesmo tempo tudo arquiva. O que Orlandi (2007) chama de memória metálica. Segundo a autora, essa memória se constitui sem o esquecimento, “a que não falha e que se apresenta como ilimitada em sua extensão só produz o mesmo, em sua variação, em suas combinatórias” (Orlandi p.16, 2007).

A memória metálica traz a ilusão de que tudo se pode armazenar, um efeito de proteção contra o esquecimento. Talvez um dos grandes objetivos perseguidos pelo sujeito contemporâneo seja o de conseguir armazenar o máximo de informações possíveis saber de tudo ao mesmo tempo. Estar sempre atualizado das notícias é quase uma obsessão na atualidade. A memória metálica se mostra sintomática em uma sociedade onde não se pode esquecer.

O medo do esquecimento também é trazido por Gabriel Garcia Márquez (1996), em sua célebre obra *Cem anos de Solidão*, na qual uma de suas personagens é acometida pela doença da insônia:

Visitación reconheceu nesses olhos os sintomas da doença [...] Era a peste da insônia. Cautere, o índio, não amanheceu em casa. Sua irmã ficou, porque o coração fatalista lhe indicava que a doença letal haveria de persegui-la de todas as maneiras até o ultimo lugar da terra. Ninguém entendeu o pânico de Visitación. " Se a gente não voltar a dormir melhor", dizia José Arcadio Buendía, de bom-humor. " Assim a vida rende mais". *Mas a índia explicou que mais temível da doença da insônia não era a impossibilidade de dormir, pois o corpo não sentia cansaço nenhum, mas sim a sua inexorável evolução para uma manifestação mais crítica: o esquecimento.* Queria dizer que quando o doente se acostumava ao seu estado de vigília, começavam a apagar-se da sua memória as lembranças da infância, em seguida o nome e a noção das coisas, e por último a identidade das pessoas e ainda a consciência do próprio ser, até se afundar numa espécie de idiotice sem passado. (1996, p.47e48)(grifo nosso)

Esse fragmento nos ilustra uma justificativa para o perigo de se esquecer, “ afundar numa espécie de idiotice sem passado”, o que nos parece plausível. No entanto, a memória metálica nos

mostra o outro lado da constituição da memória: o próprio esquecimento. Qual seria então o perigo de não esquecer? Jorge Luis Borges nos responde essa pergunta, através de seu conto “Funes, o memorioso”, nos mostra o outro lado do esquecimento.

O conto de Borges (1972) retrata a história de Irineu Funes um personagem inicialmente simples, que após um acidente na estância de São Francisco fica aleijado, a partir de então o personagem começa a memorizar tudo que observa, se lembra de cada detalhe das coisas e torna-se incapaz de esquecer. Funes “desenvolvera um sistema original de numeração em pouquíssimos dias ultrapassava o vinte quatro mil. Não o tinha escrito, porque o pensado uma só vez não se podia apagar” Borges (1972, p.122)

Dezenove anos havia vivido como quem sonha: olhava sem ver, ouvia sem ouvir, esquecia-se de tudo, de quase tudo. Ao cair, perdeu o conhecimento; quando o recobrou, o presente era quase intolerável de tão rico e tão nítido, e também as memórias mais antigas e mais triviais. [...] Havia aprendido sem esforço o inglês, o francês, o português, o latim. Suspeito, contudo, que **não era muito capaz de pensar**. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No mundo abarrotado de Funes não havia senão detalhes, quase imediatos. Borges (1972, p.124 e125)

Segundo Orlandi (2008), o esquecimento é constitutivo da memória discursiva, que é “formada” pela historicidade e pelas condições de produção.

Pensemos, então, no funcionamento dessa memória no twitter, o site nos apresenta uma memória sem passado, a postagem de um twitteiro pode ser acessada no máximo depois de alguns meses, sabemos que essa memória existe, está lá, arquivada em algum lugar, mas não podemos acessá-la.

O que muda então, na configuração dessa memória no site? Uma memória metálica com outra concepção temporal, que não se divide em passado, presente e futuro mas se misturam? De que modo se configura o esquecimento nesse espaço? Como pensar no funcionamento de uma memória discursiva na twittosfera? Uma memória que se tece entre efeito de não esquecimento e

ao mesmo tempo do efeito de um esquecimento total, uma não constituição de um passado, um presente que se atualiza?



Nos parece que a significação no espaço digital está diretamente relacionada com a capacidade de se atualizar, que nos remete à questão da temporalidade nesse ciberespaço. Como podemos pensar nessa temporalidade que configura o ciberespaço, visto que ela se faz presente de maneira significativa na própria construção da página ao mostrar os horários das postagens do usuário e, às vezes, a distância de tempo entre uma postagem e outra, que chega a ser de poucos minutos ou de hora em hora.

E é nesse movimento de constituição do conhecimento que a formulação temporal faz toda a diferença, no caso do twitter, por exemplo, interessa o que o sujeito está pensando agora, nesse instante. É a presença do tempo líquido, “esvaziado” de um passado, que escapa em sua fluidez.

---

<sup>24</sup> <http://maubril.blogspot.com/2011/01/relationship-2.html>

Para Bauman (2007, p.09)

Uma vida assim fragmentada estimula orientações “laterais”, mais do que verticais. Cada passo seguinte deve ser uma resposta a um diferente conjunto de oportunidades e a uma diferente distribuição de vantagens, exigindo assim um conjunto de diferentes habilidades e um arranjo diferente de ativos. Sucessos passados não aumentam necessariamente a probabilidades de respostas futuras, muito menos as garantem, enquanto meios atestados com exaustão no passado precisam ser inspecionados e revistos pois podem se mostrar inúteis ou claramente contraproducentes com a mudança de circunstâncias. Um imediato e profundo esquecimento de informações defasadas e o rápido envelhecimento de hábitos pode ser mais importante para o próximo sucesso do que a memorização de lances do passado e a construção de estratégias sobre um alicerce estabelecido pelo *aprendizado* prévio.

Nesse sentido, que formulação temporal do conhecimento se diferencia muito na aprendizagem escolar, por exemplo, que se baseia na memorização, na construção de um saber através da repetição, do decorar.

Gilles Lipovetsky (2004, p. 68) questiona sobre essas mudanças, nos fazendo repensar essa cronologia do tempo, que, mesmo com as modificações, para o autor, ainda está calcada no futuro. “Embora triunfe o tempo breve da economia e da mídia, o fato é que nossas sociedades continuam voltadas para o futuro, menos romântico e paradoxalmente mais revolucionário, pois se dedica a tornar tecnicamente possível o impossível”. Para Lipovetsky (2004, p. 68), isso ocorre devido ao modo como a ciência se institucionaliza na sociedade atual:

Alcançou-se uma etapa nova na emancipação da tutela do elemento religioso: ápice da modernidade essa etapa é sinônimo de hipermodernização da relação com o tempo histórico. Nada de ruína da força do futuro; essa última simplesmente não é mais ideológico-política, estando agora contida na dinâmica científica. Quanto mais a época se organiza num culto democrático erigido num absoluto de novo tipo, mais os laboratórios concebem o futuro dessemelhante e trabalham para construir um universo de ficção científica, até mais inacreditável que esta. A impotência para imaginar o futuro só aumenta em conjunto com a sobrepotência técnico-científica para transformar radicalmente o porvir: a febre da brevidade é apenas uma das facetas da civilização futurista hipermoderna. Enquanto o mercado estende sua “ditadura” do curto prazo, as preocupações relativas ao porvir planetário e aos riscos ambientais assumem posição primordial no debate coletivo [...] Se o eixo do presente é dominante, ele não é absoluto[...].

Seria então, um tempo urgente que interpela o sujeito à transcendência do corpo físico, dando a este uma realidade não tangível, mas material, porque significa na história. Esse deslocamento temporal e espacial desloca o sujeito para uma relação diferenciada com o tempo, espaço e principalmente com a linguagem.

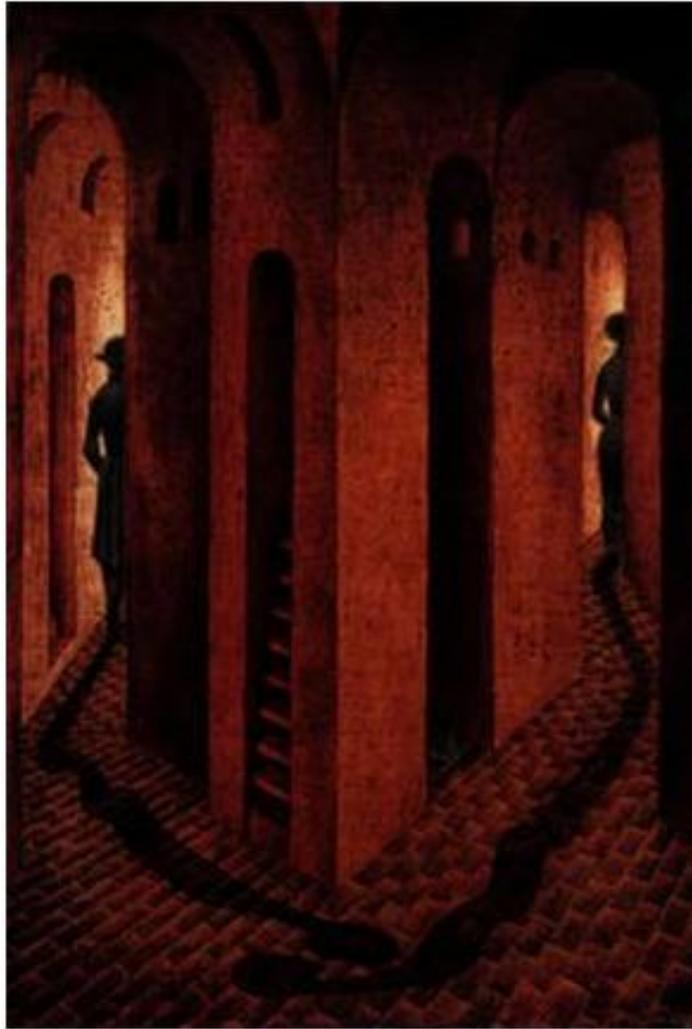
O sujeito desliza para outro lugar de produção, o ciberespaço, e continua se relacionando concomitantemente com o tempo real e em tempo real. Daí termos a materialidade do site e seu processo de textualização constituindo-se numa descontinuidade opositiva, uma dispersão de regularidades, entre o mesmo e o diferente na própria contradição.

Ao deslocar para outro lugar de produção, mudamos o modo de habitar o espaço. Cristiane Dias (2004) nos mostra como essas mudanças na localização do sujeito no espaço, modifica sua significação no mundo:

[...] a medida que o sujeito descobria o mundo e cartografava suas possibilidades, ele cartografava também o modo de ser e habitar esse espaço[...] a descoberta do espaço configura o sujeito em sua maneira de habitá-lo, uma vez que a cartografia é uma perspectiva (político e ideológica) sobre o mundo, sobre suas relações, portanto é a representação (gráfica), o simulacro do conhecimento que o sujeito produz sobre o mundo. (DIAS, p.30, 2004)

Essas mudanças nos mostram outro modo de olhar o próprio universo, as estrelas e os planetas, por exemplo, localizam-se a bilhões de anos luz de distância da terra, até seu brilho aparecer no céu várias transformações podem ter ocorrido nesse tempo, que só saberemos no futuro, isso significa que olhar para o céu é ver o passado. Olhar para o céu é ver o passado presentificado no real? Seria o céu virtual? A relação com o céu se assemelha a nossa relação com o virtual ele existe lá, mas não é atual. De que modo lidamos com esse tempo virtual do espaço, por exemplo.

[...] o ciberespaço é um transbordamento do espaço, naquilo que constitui sua temporalidade. Pois já que ele não é localizável [...] A materialidade do ciberespaço é constituída do enredamento dos sujeitos que se conectam e produzem sentido. Não é apreensível senão pela historicidade dessas relações, pela deriva do sujeito e do sentido. (DIAS, 2004 P.56 e 57)



Remedios Varo: La despedida, 1958

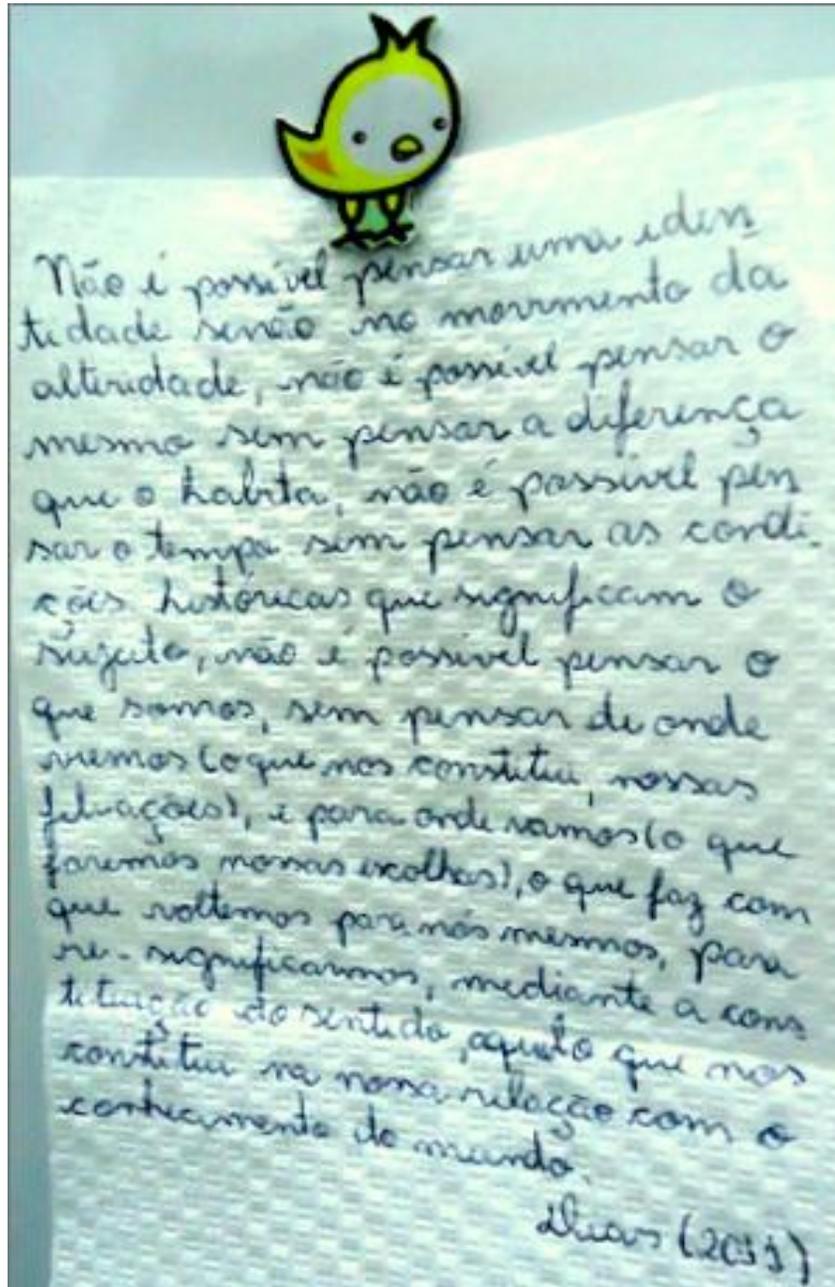
É a relação que o sujeito estabelece com as coisas que as tornam mais reais, ou que as atualizam e os 140 caracteres dizem respeito à velocidade do tempo e à reafirmação de espaços pelos Mb, Gb, Kb, e isso produz uma ressignificação na divulgação e no modo de circulação da informação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



**OliviaCouto** Olivia  
Considerações Finais

☆ Favorite ↩ Reply 🗑 Delete



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



OliviaCouto Olivia  
Bibliografia

BAUMAN, Z. **Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos.** Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria.**

Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos.** Trad. Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BARROS, Manoel. **Ensaio Fotográficos.** 7ªed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com espírito.**

Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BORGES, Jorge Luiz. **Ficções.** Trad. Carlos Nejar. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

BRETON, André. Manifesto Surrealista. 2002,

[http://www.4shared.com/office/3FABDWdg/Manifesto do Surrealismo - And.html](http://www.4shared.com/office/3FABDWdg/Manifesto_do_Surrealismo_-_And.html) acessado em 2012.

BRETON, David Le. **Adeus ao Corpo.** Trad. Maria Appenzeller. Campinas: Papirus, 2003.

CASTELLS, Isabel (Org.). Remédios Varo – **Cartas, sueños y otros textos.** México: Ediciones Era, 2006.

CAUQUELIN, ANNE. **No Ângulo dos mundos possíveis.** Trad. Dorotheé de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CORTÁZAR, Júlio. **O jogo da Amarelinha.** Trad. Fernando de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

DELEUZE, G & PARNET, Claire. **Diálogos.** Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição.** Trad. Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, G. **Désir et plaisir**. Magazine Littéraire. Paris, n. 325, oct, 1994. pp. 57-65.  
Disponível em: < <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/art07.html>> Acesso em 23/06/2010

DIAS, C.P. A Escrita como Tecnologia da linguagem. Coleção HiperS@beres – Livro Digital Volume II. **Tecnologias de linguagem e produção do conhecimento**. Amanda E. Cherer. & Verli Petri & Cristiane Dias. (Orgs). Santa Maria-RS: PPGL: UFMS, 2009.

DIAS, C. P. Arquivos digitais: da des-ordem narrativa à rede de sentidos. In: Guimarães, E. & Brum de Paula, M. R. (Orgs). **Sentido e Memória**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

DIAS, C. P. **A discursividade da rede (de sentidos): a sala de bate - papo HIV**. Tese de Doutorado. Campinas, SP: IEL/Unicamp, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Tecnologías Del yo y outros textos afines*. Barcelona, Espanha: Paidós Ibérica, 1995.

GÜERRE, Héctor Navarro. **Tecnologias para recriar os sentidos**. Blog de Comunicação Digital Interativa ETC & Digital, Organizador: Alysso Lisboa Neves, 2010. Disponível em: <http://etcedigital.wordpress.com/2010/09/02/tecnologia-para-recriar-os-sentidos/>. Acessado em 09/12/2010.

GÜERRE, Héctor Navarro. **Uma Mirada sobre Dispositivos Móveis de Lecto-Escritura** y Visionado, Revista Geminis, 1º Ed. Mobilidade: Tendências e desafios na era Digital. Ufscar: São Carlos, 2011. Acessado em 09/12/2010.

<http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/37/34>

HÜNING, Simone M & Neuza M. F. Guareschi. “Ligeiramente humana”: novas biotecnologias e a experiência de si no contemporâneo. In: Souza, S. J. & Moraes, M. (Orgs). **Tecnologias e Modos de Ser No Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: 7 Letras, 2010.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

MERLAU-PONTY, Maurice. *A prosa do Mundo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

LAGAZZI, Susy. Linha de passe a materialidade significativa em análise. Revista Rua, nº 16, V.2, Unicamp: Campinas, 2010.

LEVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LEVY, P. **O que é o virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora. 34, 2001.

ORLANDI, E. **Recurso do Futuro: Um outro discurso.** 2003. Disponível em [http://www.multiciencia.unicamp.br/artigos\\_01/A5\\_Orlandi\\_port.PDF](http://www.multiciencia.unicamp.br/artigos_01/A5_Orlandi_port.PDF). Acessado em 10/03/2011.

ORLANDI, E. **Discurso e texto: Formulação e Circulação dos Sentidos.** Campinas/SP: Pontes, 2008.

\_\_\_\_\_, E. **As Formas do silêncio: No movimento dos sentidos,** Campinas/SP, Editora da Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_, E. **Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico,** Campinas/SP: Pontes, 2007.

ORLANDI, E. **Vídeo: a noção de materialidade.** 2008. Disponível em [www.labeurb.unicamp.br](http://www.labeurb.unicamp.br). Acessado em 24/07/2009.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Campinas, 5ª Ed: Pontes, 2008

PÊCHEUX, M.; GADET, F. **A língua inatingível: o discurso na história da lingüística.** Trad. Bethânia Mariani et. al. Campinas/SP: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, M. **Delimitações, Inversões, Deslocamentos** In: Cadernos de Estudos Linguísticos, nº 19. Campinas/SP: Unicamp/IEL, Setor de Publicações, 1990.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas/Sp: Ed. da Unicamp, 1988.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido: No caminho de Swann- Combray.** Trad. Fernando Py. Volume I. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2003.

ROBIN, R. **Le monolinguisse de l'autre ou de l'un: les écrits autobiographiques** de Jacques Derrida. In : CHIANTARETTO, J-F. (org.). **Écriture de soi et narcissisme.** Paris: Éditions Érès, 2002.

SERRES, Michel. **Variações sobre o corpo.** Trad. Edgar de A. Carvalho, Mariza P. Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein.** Trad. Miécio A. J. Honkins. Porto Alegre: L&PM, 2010.

SOUZA, P. **Confidências da carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade.** Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

SOUSA, Cruz e. Violões que Choram. Disponível em:  
<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/cruz-de-souza/violes-que-choram.php> Acessado em:  
15/06/2010

SARAMAGO, José. **Lula, Twitter e seu novo livro**. Entrevista concedida pela globo.  
<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2009/07/26/jose-saramago-fala-sobre-twitter-lula-seu-novo-livro-208101.asp> acesso em 20/07/2010.



" Sim, mas quem nos curará do fogo surdo, do fogo sem cor que corre, ao anoitecer,[...] saindo dos portais carcomidos, dos pequenos vestibulos, do fogo sem imagem que lambe as pedras e ataca os vãos das portas, como faremos[...]

Quanta vezes me pergunto se isto não é mais do que escrita, numa época em que corremos para o engano entre equações infalíveis e máquinas de conformismos? Mas perguntar se saberemos encontrar o outro lado do hábito ou se mais vale se deixar levar pela sua alegre cibernética, não será mais uma vez literatura? Revolta, conformismo, angústia[...] Mas para que nos serve a verdade que tranquiliza o honesto proprietário? A nossa verdade possível tem que ser *invenção*, ou seja, literatura, pintura, escultura, agricultura, piscicultura, todas as turas deste mundo". Julio Cortazar